



INSTITUTO FEDERAL
SÃO PAULO
Câmpus Sertãozinho



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
SÃO PAULO – CÂMPUS SERTÃOZINHO**

TIEKO AKITA

**PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DE *PODCASTS* PARA ABORDAGEM
DO TEMA *BULLYING* EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Sertãozinho - SP

2019

TIEKO AKITA

**PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DE *PODCASTS* PARA ABORDAGEM
DO TEMA *BULLYING* EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Castro de Oliveira

**Sertãozinho - SP
2019**

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Akita, Tieko

Produção e utilização de podcasts para abordagem do tema bullying em uma escola de educação profissional e tecnológica / Tieko Akita. -- Sertãozinho - SP, 2019.
105 p.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Castro de Oliveira.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Sertãozinho, 2019.

1. Bullying. 2. Educação Profissional e Tecnológica.
3. Produto Educacional. 4. Podcast. I. Oliveira,
Prof. Dr. Ricardo Castro de. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Tieko Akita

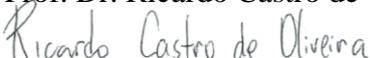
Produção e utilização de *Podcasts* para abordagem do tema *bullying* em uma escola de Educação Profissional e Tecnológica.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 22/08/2019.

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Castro de Oliveira

Assinatura:  _____

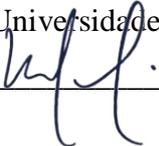
Prof. Dra. Amanda Ribeiro Vieira

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Assinatura:  _____

Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira

Instituição: Universidade de São Paulo (USP) – Ribeirão Preto.

Assinatura:  _____

FOLHA DE APROVAÇÃO E DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Tieko Akita

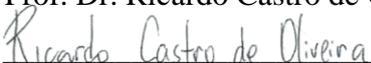
Sem medo
Sem medo e sem *bullying*

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado e validado em 22/08/2019

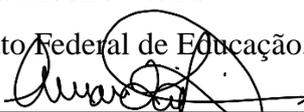
Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Castro de Oliveira

Assinatura:  _____

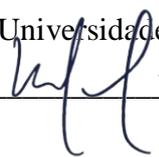
Prof. Dra. Amanda Ribeiro Vieira

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Assinatura:  _____

Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira

Instituição: Universidade de São Paulo (USP) – Ribeirão Preto.

Assinatura:  _____

AGRADECIMENTOS

- Ao Prof. Dr. Ricardo Castro de Oliveira, pela compreensão, pelas palavras incentivadoras e constante apoio; pelos comentários e sugestões sabiamente enunciados; pela excelente orientação conduzida com tranquilidade e confiança;
- Aos professores do programa ProfEPT, em especial, ao Prof. Dr. Paulo Sergio Calefi, coordenador do curso de mestrado, e à Prof.^a Dr.^a Amanda Ribeiro Vieira, que trouxeram contribuições fundamentais para elaboração do trabalho acadêmico;
- Aos professores do IFSP Câmpus São Carlos, em especial, ao Prof. Dr. Rivelli da Silva Pinto, que permitiu a realização do projeto; Prof.^a M.^a Maria Lucia Colombo, Prof.^a Dr.^a Viviane C. G de Stefani e Prof. Marcelo de G. Domingues, pelos espaços e aulas cedidas para elaboração e exibição do Produto Educacional e também à Prof.^a Dr.^a Carla A. R. Vilaronga e Cintia Y. S. B. Machado, pelo acolhimento e
- Aos alunos do EMI, os protagonistas do estudo;
- À Prof.^a Dr.^a Alessandra Meleiro, pelo acolhimento na UFSCar, e Prof.^a Joyce Cury e seus alunos, pela produção do *Podcast Sem Medo*;
- Ao Prof. Dr. Wanderlei A. de Oliveira, Prof. Dr. Alex Sandro Corrêa e Prof.^a Dr.^a Marta A. I. Silva, que gentilmente concederam entrevistas para elaboração do Produto Educacional;
- Ao Prof. Francisco Zuccato Jr., pelo saber, generosidade, experiência e conselhos preciosos, principalmente referente ao planejamento do gerenciamento do tempo, que conduziu este trabalho;
- Aos amigos e aos colegas do mestrado profissional ProfEpt, pelo excelente convívio social e em especial à Agata, que compartilhou as normas ABNT;
- À minha família, pelo apoio, carinho, compreensão, principalmente ao meu filho, Mário, que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me em todos os momentos, principalmente em momentos em que o saber da informática se fez necessário. A todos a minha gratidão, o meu muito obrigada.

“Visamos uma sociedade que exclui, que discrimina, que fragmenta os sujeitos e que nega os direitos; ou visamos a uma sociedade que inclui, que reconhece a diversidade, que valoriza a sua capacidade de produção da vida, assegurando direitos sociais plenos? Nós nos colocamos na segunda posição que, em síntese, persegue a construção de uma sociedade justa e integradora”.

(Marise Ramos)

RESUMO

Para ressaltar a importância de trabalhos que apresentam estratégias e/ou recursos didáticos para diminuir a incidência de casos de violência escolar, por meio da sensibilização dos estudantes, o presente estudo apresenta os resultados obtidos a partir da produção e aplicação de *podcasts* para abordagem do tema *bullying* na Educação Profissional e Tecnológica. Trata-se de uma pesquisa-ação e os instrumentos de coleta de dados foram as entrevistas, questionários e intervenção junto aos alunos. A pesquisa foi realizada no Câmpus São Carlos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo e contou com a colaboração dos alunos do Ensino Médio Integrado e de professores e profissionais da área da educação. O objetivo do estudo foi promover a discussão e a sensibilização dos estudantes a respeito do *bullying* por meio da elaboração e exibição dos *podcasts* pautados na concepção do Ensino Médio Integrado em uma escola de Educação Profissional Tecnológica. Inicialmente, foram entrevistados os profissionais do setor sociopedagógico para abordar o *bullying* na instituição. A seguir, aplicou-se o Questionário A para levantar o perfil dos estudantes na dinâmica do *bullying*. No momento seguinte, iniciou-se a gravação dos áudios dos alunos e dos professores convidados para elaboração do produto educacional – *Podcast*. Posteriormente, houve uma intervenção junto aos alunos para discutir interação social e produtos educativos, ocasião em que foram exibidos os *podcasts* e aplicado o questionário B. Optou-se pelo *podcast* como produto educacional por apresentar recursos audiovisuais que são instrutivos e de fácil compreensão pelo receptor, além de ser acessado pelo computador pessoal ou pelo dispositivo móvel, a qualquer hora, em qualquer lugar, e, principalmente, porque permitiu a participação de todos os alunos como protagonistas. Os resultados apresentados foram satisfatórios, pois houve redução nos índices de intenção: de praticar o *bullying*, sofrer o *bullying* e não pedir ajuda, observar o *bullying* e não denunciar o ato, bem como o crescimento da taxa de intenção de denunciar o ato de violência. Além da sensibilização dos alunos em relação ao *bullying*, os *Podcasts* promoveram a autoestima, a autoconfiança e estimulou a reflexão nos alunos participantes. Trata-se de um produto bastante versátil que pode ser usado em projetos interdisciplinares, também como coadjuvante ou protagonista de programas educativos.

PALAVRA-CHAVE: *Bullying*, Educação Profissional e Tecnológica, Produto Educacional, *Podcast*.

ABSTRACT

In order to emphasize the importance of works that present strategies or didactic resources to reduce the incidence of school violence, through sensitizing students, this essay presents the results obtained from the production and application of podcasts to address the bullying in Vocational and Technological Education. It is an action research and the instruments of data collection were interviews, surveys and intervention acts with the students. The research was conducted at Campus São Carlos of the Federal Institute of São Paulo with the collaboration of students of Integrated High School, teachers and professionals from the education field. The aim of this study was to promote students' discussion and awareness about bullying through the elaboration and presentation of podcasts based on the conception of Integrated High School in a School of Technological Vocational Education. Initially, the Socio-pedagogical department was interviewed to address bullying in the institution. Next, Survey A was applied to draw the profile of students in the dynamics of bullying. Next, an audio recording of the students and guest teachers began to elaborate the educational product - a Podcast. Later, there was an intervention with the students to discuss social interaction and educational products. When the Podcast was presented, the B survey was applied. The podcast was also rated by the students. All Integrated High School students participated in the survey, but only those who gave written informed consent were validated. The podcast format has been chosen as an educational product because it features instructive and easy-to-understand audiovisual resources by the receiver, as well as being available to access from a personal computer or mobile device, anytime, anywhere and mainly because it has allowed all students to participate as protagonists. The results presented were satisfactory since there was a reduction in the intention to practice bullying as well as suffering or observing the act without reporting the act of violence. In addition to raising student awareness of bullying, the Podcast promoted self-esteem, self-confidence and stimulated reflection in participating students. It is a very versatile product that can be used in interdisciplinary projects, as well as supporting or leading in educational programs.

KEYWORD: *Bullying*, Professional and Technological Education, Educational Product, Podcast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Resumo da pesquisa	37
Figura 2: Produção do produto educacional.....	42
Figura 3: Relação tipos — questões	43
Figura 4: Etapas da pesquisa.....	44
Figura 5: Elaboração dos <i>Podcasts</i>	47
Figura 6: Produção do <i>Podcast</i>	48
Figura 7: Resumo da gravação dos áudios dos alunos	50
Figura 8: Perfil dos estudantes participantes.....	52
Figura 9: Panorama geral dos papéis representados pelos participantes	54
Figura 10: Panorama geral — <i>podcasts</i> e os princípios do EMI	57
Figura 11: <i>Bullying</i> físico	58
Figura 12: <i>Bullying</i> verbal.....	60
Figura 13: <i>Bullying</i> material.....	63
Figura 14: Punição - ordenamento jurídico (Calhau, 2011)	64
Figura 15: <i>Bullying</i> moral	66
Figura 16: <i>Bullying</i> social (ignorar)	67
Figura 17: <i>Bullying</i> psicológico (chantagear)	70
Figura 18: <i>Bullying</i> sexual	71
Figura 19: <i>Bullying</i> por intolerância à diversidade	73
Figura 20: <i>Bullying</i> escolha do curso.....	75
Figura 21: Após a exibição dos <i>Podcasts</i> - vítimas	77
Figura 22: Dinâmica da punição.....	78
Figura 23: Avaliação dos <i>Podcasts</i> pelos estudantes	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA — Estatuto da Criança e do Adolescente

Educom — Educação com computadores

EMI — Ensino Médio Integrado

EPT — Educação Profissional e Tecnológica

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFSP — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

KiVa — Kiusaamista Vastaaan – Contra bullying

OMS — Organização Mundial de Saúde

Opas — Organização Panamericana da Saúde

PE — Produto Educacional

Pense — Pesquisa Nacional de Saúde

TIC — Tecnologia da informação e comunicação

UFSCar — Universidade Federal de São Carlos

Unicef — Fundo das Nações Unidas para a Infância

USP — Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 VISÃO GERAL SOBRE O <i>BULLYING</i>	13
1.2 QUESTÕES DE PESQUISA.....	16
1.3 OBJETIVO GERAL.....	16
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1. BULLYING: UMA VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES	18
2.2. BULLYING: PROTAGONISTAS, CAUSAS, TIPOS E CONSEQUÊNCIAS	20
2.3. PROGRAMAS <i>ANTIBULLYING</i>	22
2.4 LEGISLAÇÃO BRASILEIRA <i>ANTIBULLYING</i>	25
2.5.1. Escola Unitária	27
2.5.2. Formação Omnilateral	28
2.5.3. Formação Politécnica	28
2.5.4. Princípio Educativo	29
2.6. <i>PODCAST</i> COMO PRODUTO EDUCACIONAL	30
2.6.1. O <i>podcast</i> nos termos da concepção do EMI	31
2.6.2 Recursos da informática na elaboração do <i>podcast</i>	32
2.6.3. Recursos audiovisuais no processo de ensino e aprendizagem	34
3. METODOLOGIA	36
4. PRODUTO EDUCACIONAL	45
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	49
5.1 ENTREVISTA COM O SOCIOPEDAGÓGICO E O <i>BULLYING</i> NA INSTITUIÇÃO	49
5.2 CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A TEMÁTICA <i>BULLYING</i>	50
5.3 PERFIL DOS ESTUDANTES DA PESQUISA.....	52
5.4 PAPÉIS DE PARTICIPAÇÃO NO <i>BULLYING</i>	53
5.5 <i>BULLYING</i> FÍSICO	58
5.6 <i>BULLYING</i> VERBAL.....	60
5.7 <i>BULLYING</i> MATERIAL	63
5.8 <i>BULLYING</i> MORAL	65
5.9 <i>BULLYING</i> SOCIAL (IGNORAR)	66

5.10	<i>BULLYING</i> PSICOLÓGICO (CHANTAGEAR)	69
5.11	<i>BULLYING</i> SEXUAL	71
5.12	<i>BULLYING</i> POR INTOLERÂNCIA À DIVERSIDADE	72
5.13	<i>BULLYING</i> ATRELADO À ESCOLHA DO CURSO.....	74
5.14	PUNIÇÃO	77
5.15	AVALIAÇÃO DOS <i>PODCASTS</i> PELOS ALUNOS PROTAGONISTAS DA PESQUISA	80
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
7	REFERÊNCIAS	85
	APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PEDAGOGA DO SETOR SOCIOPEDAGÓGICO DO IFSP CÂMPUS SÃO CARLOS	93
	APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PSICÓLOGA DO SETOR SOCIOPEDAGÓGICO DO IFSP- SÃO CARLOS	94
	APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO A (antes do <i>podcast</i>)	95
	APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO B (depois de assistir os <i>podcasts</i>)	98
	APÊNDICE E: INTERVENÇÃO ANTES DA EXIBIÇÃO DOS <i>PODCASTS</i>	101
	APÊNDICE F: IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES SOBRE OS <i>PODCASTS</i>	102
	APÊNDICE G: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	103
	APÊNDICE H: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (pais ou responsável)	104
	APÊNDICE I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	105

1. INTRODUÇÃO

1.1 VISÃO GERAL SOBRE O *BULLYING*

Entre as dezenas de definições de violência, destaca-se a da Organização Mundial da Saúde (OMS), que define como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de causar lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, p.5).

De acordo com a OMS (2002), a natureza dos atos violentos pode ser: física, psicológica, sexual e atos envolvendo privação ou negligência. A violência física caracteriza-se pelos atos que buscam ferir a integridade física das pessoas e se manifestam por meio de tapas, empurrões, chutes, entre outros. A violência psicológica tem o intuito de provocar danos emocionais, como criação de situações que provocam medo, ridiculariza e/ou inferioriza as pessoas e a violência sexual refere-se a atos contra a sexualidade do indivíduo. A omissão diante das necessidades do outro indivíduo ou não evitar situações de perigo a outro são atos violentos que envolvem privação ou negligência (OMS, 2002).

Em relação à violência, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) lançou, em 2017, o estudo *Um Rosto Familiar: A violência na vida de crianças e adolescentes*. Esse estudo relata a frequência que os meninos e meninas são vítimas de castigos físicos, abuso sexual, homicídios e outras formas de violência durante a infância e adolescência. De acordo com esse estudo, “a cada 7 minutos, em algum lugar do mundo, uma criança ou adolescente, entre 10 a 19 anos é morto, vítima de homicídio ou de alguma forma de conflito armado ou violência coletiva”.

O estudo também divulga as violências sofridas pelas crianças no âmbito mundial e estabelece quatro formas específicas de violência por elas sofridas: violência disciplinar e exposição à violência doméstica durante a primeira infância; violência escolar; mortes violentas de adolescentes e violência sexual na infância e na adolescência (UNICEF, 2017).

No tocante à violência escolar, alvo deste estudo de pesquisa, o relatório apresenta dados mundiais preocupantes:

- Pouco mais de um em cada três estudantes entre 13 e 15 anos sofreram *bullying* regularmente;
- Três em cada dez jovens e adolescentes admitem ter praticado *bullying* contra outros na escola;
- No Brasil, 43% de meninos e meninas do 6º ano (11 e 12 anos) disseram que sofreram *bullying* nos últimos meses. Eles foram roubados, insultados, ameaçados, agredidos fisicamente ou maltratados;
- Aproximadamente 500 ataques ou ameaças de violência contra escolas foram registrados em 2015 em 14 países;
- 59 tiroteios em escolas, resultando em pelo menos uma fatalidade relatada, foram registrados em 14 países nos últimos anos.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE, 2015), apresenta formas de violências sofridas (nos 30 dias anteriores à pesquisa) pelos estudantes brasileiros de 13 a 17 anos, com destaques para:

- 13,5% dos escolares de 13 a 15 anos e 12,4% na faixa etária de 16 a 17 anos deixaram de ir à escola porque não se sentiram seguros no trajeto casa-escola-casa;
- 11,4% dos escolares de 13 a 15 anos e 8,1% de 16 a 17 anos ausentaram-se da escola porque não se sentiram seguros no ambiente escolar;
- 14,7% dos escolares na faixa etária de 13 a 15 anos e 11,1% na faixa etária de 16 a 17 anos foram agredidos fisicamente por um adulto da família;
- 7,4% dos escolares de 13 a 15 anos sentiram-se humilhados por provocações de colegas da escola, na maior parte do tempo ou sempre. Para os estudantes de 16 a 17 anos, o percentual foi de 5,2%;
- 4,7% dos escolares na faixa etária de 13 a 15 anos e 4,5% para a faixa etária de 16 a 17ª anos responderam terem sido forçados (as) a ter relação sexual.

Para Pereira e Willians (2010), a escola deve ser um local de referência para o aluno, um ambiente seguro, prazeroso e que se pode conhecer, conhecer seus próximos e a sociedade em que vive. A escola torna-se fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo e deve estimular as habilidades intelectuais e sociais,

bem como promover a absorção crítica dos conhecimentos produzidos na sociedade.

Ela não só deve visar apreensão do conteúdo, mas também buscar a formação de um cidadão inserido, crítico e agente de transformação, pois é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ideias, crenças e valores (POLONIA; DESSEN, 2005). A escola é também um local onde a violência está presente.

Essas violências, segundo Charlot (2002), podem ser classificadas em: violência à escola, estando ligada à natureza e às atividades da instituição escolar tais como: incêndios provocados por alunos, agressões a professores e aos demais trabalhadores da educação; a violência da escola, que é a violência institucional, simbólica, que os alunos sofrem ou são submetidos, são as atribuições de notas, palavras e atos considerados, pelos alunos, como injustos e discriminatórios, castigos, humilhações, entre outros, e a violência na escola, como aquela produzida dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição.

É nesse espaço que se encontra um tipo específico de violência denominada *bullying*. De acordo com Olweus (2013, p.756, tradução nossa) o *bullying* “pertence ao subconjunto de um comportamento destinado a causar danos ou desconforto a outro indivíduo”. Nesse sentido, conforme Lopes Neto (2011), é um comportamento agressivo com características específicas como repetitividade, intencionalidade e desigualdade de poder que pode causar inúmeros prejuízos aos alunos, desde o comprometimento do desenvolvimento acadêmico e social, culminando no abandono escolar, bem como o surgimento de queixas relacionadas à saúde física ou mental.

Diante desse cenário, o estudo propõe a elaboração de *podcasts* como produto educacional (PE) ancorado nos termos da concepção do ensino médio integrado (EMI), isto é, sob o olhar dos princípios da formação omnilateral, da politecnia e como princípio educativo. Omnilateral no sentido de ajudar o indivíduo a desvendar e revelar potencialidades que possui ou que possam ser desenvolvidas durante a sua formação por meio de suas experiências, isto é, uma formação em todos os sentidos (RAMOS, 2014); Politécnica no sentido de compreender os fundamentos científicos das técnicas apresentadas no processo do trabalho produtivo (SAVIANI, 2003) e como princípio educativo refere-se ao caráter formativo, na ação humanizadora que está vinculada ao EMI (CIAVATTA, 2009).

O *bullying* no ambiente escolar pode trazer danos aos alunos. Assim, é importante desenvolver trabalhos que visam apresentar estratégias e/ou recursos didáticos que possuem a intenção de sensibilizar os estudantes. Nesse sentido, este trabalho contribuiu ao apresentar o *podcast* como um recurso sensibilizador. A seguir, são apresentadas as questões de pesquisa que nortearam este trabalho.

1.2 QUESTÕES DE PESQUISA

Diante do contexto apresentado, alguns questionamentos foram elencados, tais como: qual o papel dos *Podcasts* elaborados com os alunos da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) na abordagem do tema *bullying*? Qual a relação dos *podcasts* no contexto educacional da EPT?

Ciavatta (2005) defende um projeto educativo que supere a dicotomia na formação para o trabalho manual/intelectual, que domine os fundamentos científicos diante das técnicas de produção moderna e que o sujeito se sinta completo com o seu trabalho perante a sociedade.

Faz-se necessário que os alunos sejam comprometidos com a promoção da paz no ambiente escolar. Portanto, necessita-se de alunos capazes de conter a violência comportamental, de vencer a inabilidade a reação a atos violentos, bem como alunos capazes de denunciar atos de violência. Adotar a empatia como princípio comportamental para sensibilizar os estudantes é uma das intenções deste trabalho. Para responder às questões de pesquisa apresentadas, foram propostos os seguintes objetivos:

1.3 OBJETIVO GERAL

Promover a discussão e a sensibilização dos estudantes a respeito do *bullying* no ambiente escolar, por meio da elaboração e aplicação de *podcasts*, pautados nos termos da concepção de EMI em uma escola de EPT.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Selecionar e adequar um questionário para levantar as concepções iniciais dos estudantes a respeito do *bullying*;
- Entrevistar estudantes e profissionais visando a produção dos *podcasts*;
- Elaborar os *podcasts* com a participação de diferentes agentes (estudantes, professores e profissionais da área educacional);
- Exibir os *podcasts* em todas as turmas do EMI do Câmpus São Carlos do IFSP;
- Aplicar um questionário para analisar a influência dos *podcasts* nas concepções dos estudantes a respeito do *bullying*;
- Aplicar um questionário para avaliar os *podcasts* do ponto de vista dos estudantes;
- Interpretar os resultados à luz dos referenciais teóricos da EPT.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este tópico apresenta uma visão geral sobre o *bullying*, bem como a concepção do EMI abordando o princípio da omnilateralidade, da politecnicidade, da escola unitária e o princípio educativo. Apresenta também uma discussão a respeito dos *podcasts*. O item a seguir discute um problema comum no ambiente escolar, o *bullying*.

2.1. BULLYING: UMA VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES

Para Olweus (2013), *bullying* ou vitimização é um subconjunto de comportamento agressivo definido como comportamento que causa danos ou desconforto a outro indivíduo. Considerada uma forma de agressão, a maioria do *bullying* ocorre sem provocação aparente por parte da criança ou do jovem. É um comportamento agressivo, com características especiais como a intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio de poder entre as partes (OLWEUS, 2013).

Para Lopes Neto (2011), o *bullying* pode ser definido como um comportamento agressivo e com intencionalidade, sem motivação aparente, provocado com certa frequência, por um ou mais indivíduos, diante de observadores, e executados numa relação desigual de poder, provocando dor e angústia nas vítimas.

De forma semelhante, Fante e Pedra (2008) descrevem o *bullying* como um conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo (*bullies*) com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupos de indivíduos) incapaz de se defender.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2017) alerta para as controvérsias quanto à correta definição dos conceitos de: intencionalidade sem motivação evidente, relação desigual de poder, bem como, a quantidade dos atos que podem ser considerados repetitivos no *bullying*. Para a intencionalidade sem motivação evidente, convencionou-se que o autor do *bullying* sabe ou entende que sua ação será desagradável, perturbadora ou poderá machucar o outro, mas faz mesmo

assim; para repetição, tratou-se a não considerar *bullying* os atos isolados, executados eventualmente, mas somente quando tais atos tornam-se repetitivos, contando a partir da terceira vez e na relação desigual de poder, melhor compreendida pela percepção do alvo, ao se sentir inferior em força física, em desvantagem numérica (quando há mais autores que alvos) ou quando há visível diferença na autoconfiança, autoestima e popularidade no grupo (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2017).

Em contrapartida, para Olweus (2013), a avaliação da intencionalidade está relacionada à análise e compreensão do contexto, a percepção é suficiente para classificar o comportamento como agressivo e a repetitividade pode ocorrer com frequência ou não.

Esse comportamento agressivo está presente em todo o território brasileiro, como revela os estudos elaborados pela Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE, 2015). Nela, 7,4% dos estudantes brasileiros afirmaram que na maior parte do tempo ou sempre se sentiram humilhados por provocações do tipo esculachar, zoar, mangar, intimidar ou caçoar nos 30 dias anteriores à pesquisa (IBGE, 2016).

O clima de violência vivenciado pelos estudantes pode trazer consequências para a saúde. Para Lopes Neto (2011), um ambiente escolar negativo pode desencadear sintomas como a fobia escolar, em que o medo, a ansiedade e as manifestações depressivas impedem as crianças de frequentarem as escolas, provocando assim o aumento no índice de absenteísmo e posterior evasão escolar. Sendo assim, há prejuízo no desenvolvimento pleno da criança e do adolescente, no seu preparo para o exercício da cidadania e na qualificação para o mercado de trabalho, contradizendo o previsto no art. 205 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2006).

No que se refere ao desenvolvimento pleno do adolescente para qualificação para o mercado de trabalho, citado na Constituição Federal de 1988, no ambiente escolar da EPT, é possível encontrar casos de *bullying* atrelados à escolha do curso. Nesse sentido, uma das propostas de pesquisa foi verificar se a evasão escolar pode estar relacionada com o *bullying* ocasionado pela escolha de curso. Constatou-se que são raras as pesquisas e poucos são os estudos literários que relacionam o fenômeno *bullying* com a EPT.

2.2. *BULLYING*: PROTAGONISTAS, CAUSAS, TIPOS E CONSEQUÊNCIAS

Para Lopes Neto (2011), são protagonistas do *bullying*:

- Os agressores ou autores: são identificados como indivíduos que atacam repetitivamente outros indivíduos incapazes de reagir. Eles podem ser classificados em três tipos, de acordo com as suas características:
 - Autores típicos: os que possuem a popularidade, segurança e confiança, tem necessidade de dominar os colegas e sentem satisfação em causar danos e sofrimentos aos outros, aprendem a usar o poder com a intenção de agredir e controlar os outros;
 - Autores passivos ou seguidores: participam das intimidações, mas não tomam a iniciativa, são comumente induzidos pelos autores típicos a buscarem um alvo para si, submetem-se ao domínio dos autores típicos para preservar a sua segurança e sua participação. Pode ser uma estratégia para isentar os autores típicos de responsabilidade.
 - Autores alvos: ora são vítimas, sofrendo as agressões praticadas pelos autores, ora praticam o *bullying*, agindo como autores, causando sofrimento às vítimas.
- As vítimas ou alvos são os que sofrem agressões repetitivas de outros estudantes ou de um grupo deles, pelas suas características físicas, comportamentais ou sociais.
- As testemunhas ou observadores são os estudantes que não se envolvem diretamente em atos de *bullying* e convivem em ambientes em que o *bullying* está presente.

Para Lopes Neto (2011), o *bullying* é um problema social cercado por questões familiares, sociais e da própria escola, sendo que a gravidade varia de acordo com as atitudes individuais e coletivas e do contexto em que ocorre, e, acrescenta, para ocorrência desse fenômeno complexo é necessário que haja um ambiente permissivo e tolerante, uma convivência frequente e duradoura entre os pares, coexistência de crianças e adolescentes agressivos com crianças e adolescentes submissos ou solitários e adultos que negam ou negligenciam atos de *bullying* (LOPES NETO, 2011).

De acordo com estudos de Oliveira (2017a), adolescentes (agressores, vítimas ou vítimas-agressoras) em situações de *bullying* escolar estão sob a influência da qualidade das interações familiares e o *bullying* é uma manifestação associada à diversos desajustes psicossociais que interferem na qualidade de vida, na saúde e no rendimento escolar: a idade, o sexo, a empatia e as questões ético-morais, bem como as experiências de violências, os conflitos familiares, o uso de castigos e medidas disciplinares severas, as relações parentais duras e punitivas, a superproteção, influenciam o envolvimento dos estudantes nas situações de *bullying* nas escolas, aumentando a sua vulnerabilidade (OLIVEIRA, 2017a).

Ainda de acordo com Oliveira (2017a, p. 32), as crenças sociais, as condições socioeconômicas e culturais devem ser examinadas na abordagem das situações envolvendo o *bullying*. “[...] comportamentos de *bullying* são reflexos de processos de internalização de valores e práticas parentais, onde o sujeito significa internamente as relações familiares e devolve para o meio com suas contribuições”, e, assim, construindo histórica, social e subjetivamente os processos de violência e as próprias interações familiares (OLIVEIRA, 2017a).

Lopes Neto (2011) ressalta que nem todas as agressões são consideradas *bullying*, porém todos os atos de *bullying* são agressões danosas. Conforme o autor, nas agressões físicas, a vítima percebe a presença do autor que bate, empurra, chuta e, nas verbais, as vítimas são mal faladas, apelidadas, insultadas pelo autor. Também relata que as agressões gestuais, sonoras ou relacionais são caracterizadas pelas atitudes preconceituosas e as agressões indiretas são as disseminações de histórias desabonadoras, ameaças, exclusões, roubos e danos materiais, e acrescenta: os alunos vítimas da violência apresentam sentimento de descontentamento por estarem na escola e queda no rendimento escolar que pode evoluir para a evasão escolar, fobia escolar acompanhada de medo, ansiedade e manifestações depressivas. Para se sentirem mais protegidos, intimidarem seus agressores ou para obterem mais respeito dos colegas, os alunos vítimas de *bullying* passam a portar armas de fogo dentro das escolas, são situações extremas, mas passíveis de ocorrer (LOPES NETO, 2011).

Os identificados como autores-alvos apresentam sintomas como hiperatividade, impulsividade, distúrbios emocionais e comportamentais, como também podem apresentar problemas relacionados à depressão, ansiedade,

insegurança, dificuldade de concentração, autoagressão, pensamento suicida e suicídio (LOPES NETO, 2011). Entre os autores, as alterações comportamentais como o comportamento de risco e o consumo de álcool e drogas são vistos com maior frequência (PENSE, 2015). Conforme Lopes Neto (2005), ser simplesmente observadores de atos de *bullying* já é suficiente para causar descontentamento com a escola e comprometimento no seu desenvolvimento acadêmico e social.

2.3. PROGRAMAS ANTIBULLYING

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), juntamente com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), Fim da violência contra a criança, Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC), Organização Pan Americana de Saúde (Opas), Plano de Emergência do Presidente dos EUA para socorrer vítimas da AIDS (Pepfar), Banco Mundial e Agência dos EUA para desenvolvimento Internacional (Usaid) uniram-se para instar os países e as comunidades a intensificarem seus esforços para prevenir e enfrentar a violência contra crianças mediante a implementação das estratégias apresentadas por meio do INSPIRE. Trata-se de um pacote de medidas técnicas dirigidas a todos que estão empenhados em prevenir e enfrentar a violência contra crianças e adolescentes, do governo aos cidadãos comuns, na sociedade civil ou no setor privado. O objetivo é que todos adotem uma rotina de implementação e monitoramento de intervenções para prevenir e enfrentar a violência contra crianças e adolescentes e ajudá-los a alcançar seu pleno potencial. O pacote INSPIRE abrange sete estratégias que em conjunto constitui um plano para acabar com a violência contra a criança. A quarta estratégia, intitulada “Pais, mães e cuidadores” visa reduzir castigos ou humilhações e criar relações positivas entre os pais e filhos. Auxilia pais, mães e cuidadores a compreenderem a importância da disciplina positiva e não violenta, bem como da comunicação próxima e eficaz. Entre os resultados esperados destaca-se a redução dos casos de *bullying* nas escolas (OPAS, 2017).

Outro trabalho mundialmente conhecido é o Projeto KiVa. Em 2006, o Ministério da Educação e Cultura finlandês solicitou à Universidade de Turku o

desenvolvimento de um programa *antibullying*, em âmbito nacional, para estudantes do 1º ao 9º ano da educação básica. O programa denominado KiVa (Kiusaamista Vastaa/Contra o *bullying*) baseia-se no encorajamento dos observadores a apoiarem os alunos vítimas do *bullying*. Além disso, pais e professores recebem informações sobre *bullying* e orientações para intervenção e prevenção da violência (SALMIVALLI; POSKIPARTA, 2012).

Conforme Salmivalli e Poskiparta (2012), KiVa é constituído de atividades universais e individuais. As atividades universais são compostas por questões relacionadas à interação dos alunos no grupo, no mecanismo e nas consequências do *bullying* e, principalmente, o que os alunos podem fazer para combater o *bullying* e apoiar seus colegas vitimizados; também são utilizados jogos virtuais *antibullying*, que estão interligados com os temas das aulas e auxiliam no aprimoramento do processo de aprendizagem e motiva os alunos a aplicarem as habilidades aprendidas nas interações com os alunos. Informa também que são disponibilizados guias para os pais e materiais da Web para os professores. Cartazes colocados nas escolas e uso de coletes, em cores vivas com logotipo KiVa, pelos inspetores de alunos, nos intervalos das aulas, são recursos utilizados para enfatizar a presença do KiVa (SALMIVALLI; POSKIPARTA, 2012). As atividades individuais envolvem discussões entre agressores, vítimas e com os observadores que têm a função de apoiar o colega vitimizado; as discussões são conduzidas pela equipe do KiVa, enquanto os professores organizam reuniões com os possíveis apoiadores da vítima (SALMIVALLI; POSKIPARTA, 2012).

Em contrapartida, para Pereira (2015), o modelo de projeto com os princípios trabalhados por Dan Olweus, que objetiva a promoção de um ambiente escolar saudável, fomenta melhores níveis de relacionamento entre os colegas e maior participação dos estudantes nas atividades escolares, juntamente com as características próprias do contexto local ou regional, servindo de base nas execuções das intervenções.

Por fim, Silva *et al* (2017) relatam que em 2017 foi realizada uma ampla revisão literária referente às intervenções no processo de redução do *bullying* escolar. Nele, as intervenções foram subdivididas em: multidimensionais ou em toda escola; intervenções envolvendo treinamento de habilidades sociais; intervenções curriculares e intervenções realizadas com recursos de informática. As intervenções

multidimensionais envolvendo toda a escola, programa KiVa e programa *antibullying* Olweus — Programa de Prevenção *bullying*, foram as que obtiveram os melhores resultados, indicando que intervenções mais abrangentes são mais eficazes (SILVA *et al*, 2017).

Há vários programas *antibullying* praticados no Brasil. Para Lopes Neto (2011), os programas desenvolvidos pelas instituições que estimulam a participação dos estudantes obtiveram maior sucesso do que aqueles que optaram por projetos conservadores, isto é, que preservam a estrutura hierárquica e não possibilitam o diálogo entre os diferentes segmentos da comunidade escolar.

O autor relaciona várias ações adotadas pelas instituições escolares brasileiras, entre elas:

- Punições: caracterizado pela suspensão ou expulsão de estudantes autores do *bullying*;
- Disciplina assertiva: estratégia baseada em prêmios e punições, aplicada pelos professores em um sistema disciplinar rígido;
- Caixa de comentários: local onde os alunos colocam suas inquietações em urnas distribuídas na escola;
- Conselho *antibullying*: alunos agressores julgados e punidos pelos seus companheiros que são orientados por um adulto, garantindo o bem-estar de todos;
- Aconselhamento: são conselheiros habilitados para prestarem apoio aos envolvidos no *bullying* sejam autores ou alvos;
- Aconselhamento pelos colegas: estudantes mais velhos ajudam as vítimas do *bullying* mediante um bom treinamento e suporte contínuo dos professores;
- Mediação: é o processo de negociação, entre alvo e autor, mediado por um adulto ou outro estudante;
- Abordagem sem culpados: caracteriza-se pela intervenção precoce sem a preocupação de encontrar os culpados;
- Sistema de registro: são os registros de ocorrências que permitem o monitoramento de casos mais graves;

- Espaços de segurança: espaços de permanência para os estudantes inseguros;
- Telefone de ajuda: serviços prestados por outras instituições que recebem ligações de alunos que temem falar a respeito de *bullying* na escola;
- Roda de conversação: ferramenta utilizada no processo de prevenção e redução do *bullying*, auxiliando no desenvolvimento de: habilidades de ouvir, respeitar a vez do outro, ter empatia.

Para Lopes Neto (2011), o *bullying*, por ser um fenômeno complexo e de difícil solução, exige comprometimento, disponibilidade, franqueza e seriedade de toda comunidade escolar, portanto, recomenda que cada escola deve desenvolver suas estratégias de combate ao *bullying*, estabelecendo prioridades, observando suas características, influências culturais, sociais e econômicas das comunidades atendidas.

2.4 LEGISLAÇÃO BRASILEIRA ANTIBULLYING

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu art. 227, estabelece que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar, à criança, ao adolescente e ao jovem, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária e protege-los de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Além do artigo supracitado, o art. 5 da Lei nº 8.069 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 1990).

Também há o art. 1º, da Lei 13.431 que “normaliza e organiza o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência, cria mecanismos para prevenir e coibir a violência e estabelece medidas de

assistência e proteção à criança e ao adolescente em situação de violência” (BRASIL, 2017).

Foram criadas ao longo desses anos, leis federais específicas para combate ao *bullying*, entre as quais, a Lei 13.185 de 06/11/2015, que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) com os objetivos de prevenir e combater a prática da intimidação em toda a sociedade; capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação; instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores; dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo; promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua; evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil; promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidos por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar (BRASIL, 2015).

A promoção de medidas de conscientização, prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz nos estabelecimentos de ensino estão estabelecidas na Lei 13.663 de 14 de maio de 2018 (BRASIL, 2018).

O decreto nº 51.290, de 11 de fevereiro de 2010, regulamenta a Lei nº 14.957 de 2009, que dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *bullying* escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas de educação básica do município de São Paulo (SÃO PAULO, 2010).

Diante das leis e do destaque à violência escolar pela mídia, prontificou-se a produzir *podcasts* para abordar o tema *bullying* e propiciar informações para servir de subsídios para posterior reflexão e discussão da temática pela classe estudantil. Para viabilizar a elaboração dos *podcasts* pautados na concepção do EMI, fez-se

necessário abordar conceitos de escola unitária, omnilateralidade, politecnicidade e do princípio educativo.

2.5. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INTEGRADA NA EPT

A Secretaria de Educação do Estado do Pará realizou em 2008 o seminário intitulado “Concepção do Ensino Médio Integrado”. Nesse fórum Ramos (2008) fez a seguinte indagação:

Visamos uma sociedade que exclui, que discrimina, que fragmenta os sujeitos e que nega direitos; ou visamos a uma sociedade que inclui, que reconhece a diversidade, que valoriza os sujeitos e sua capacidade de produção da vida, assegurando direitos sociais plenos? Nós nos colocamos, na segunda posição que, em síntese, persegue a construção de uma sociedade justa e integradora (RAMOS, 2008, p.1).

Neste sentido, a autora apresenta os três sentidos para a concepção do ensino médio integrado: a escola unitária, a formação omnilateral e a formação politécnica.

2.5.1. Escola Unitária

Para uma sociedade justa e integradora, a escola unitária se faz presente: uma escola que expressa o princípio da educação como direito de todos, que todos tenham acesso ao conhecimento, à cultura e às mediações necessárias para trabalhar, bem como uma educação de qualidade, e que possibilita a apropriação dos conhecimentos construídos pela humanidade (RAMOS, 2008). “A escola unitária, então, é a escola que não seja dividida para os segmentos sociais, mas que constrói na relação entre conhecimento e trabalho uma compreensão orgânica de mundo na formação de seus sujeitos” (RAMOS, 2014, p. 19). Portanto, uma educação universalizada para toda a população, superando a dualidade de classe, trazendo um padrão digno de vida também para os trabalhadores que, juntamente

com os seus filhos são os verdadeiros produtores da riqueza social (CIAVATTA, 2014).

2.5.2. Formação Omnilateral

O segundo sentido é a formação omnilateral, que expressa a concepção da formação humana, integrado com as dimensões da vida no processo formativo, isto é, a integração do trabalho, da ciência e da cultura estruturando a prática social; o trabalho como realização humana, a ciência como conhecimentos produzidos pela humanidade e a cultura, que são os valores éticos e estéticos que orientam as normas de condutas da sociedade (RAMOS, 2008). Uma formação omnilateral que possibilita que as experiências formativas do indivíduo possam ajudar a desvendar e revelar potencialidades que possui ou que possam ser desenvolvidas durante a sua formação e que possa também estruturar escolhas, isto é, uma formação do indivíduo em todos os sentidos (RAMOS, 2014). De forma complementar, Souza Junior (1999) enfatiza que:

A omnilateralidade se mostra então como uma totalidade de determinações que só se efetivam numa sociabilidade livre, pois não é uma quantidade de informações técnicas e habilidades práticas referentes ao processo produtivo capitalista, mas uma totalidade de manifestações humanas que, como tal, apenas se constrói na totalidade das relações estabelecidas pelos homens (SOUSA JUNIOR, 1999, p. 107).

Nesse sentido, pode-se estabelecer relação com uma formação omnilateral que procura explorar todos os sentidos do ser humano, levando-o a construir a sua existência de forma autônoma e livre de limitações alienantes (DUARTE; OLIVEIRA; KOGA, 2016). Sendo assim, a formação omnilateral faz-se necessária para a formação integral do indivíduo.

2.5.3. Formação Politécnica

Para Ramos (2008, p.3) “Politecnicia significa uma educação que possibilita a compreensão dos princípios científicos-tecnológicos e históricos da produção

moderna, de modo a orientar os estudantes à realização de múltiplas escolhas”. De forma complementar, Frigotto (2012) enfatiza que a concepção de educação politécnica está relacionada diretamente com os processos educativos e de construção de conhecimento estruturado ao trabalho produtivo, trata-se da luta pela superação da educação centrada em modelos abstratos e conteúdos e métodos pedagógicos que ignoram os alunos como sujeitos de cultura, experiência e saberes.

Em suma, Ramos (2008) defende a necessidade do ensino médio organizado de forma integrada com o trabalho, com a ciência e a cultura, e construído sobre uma base unitária que possa receber o trabalho como formação profissional, a ciência como iniciação científica e a cultura como ampliação da formação cultural. Nesses termos, propõe-se, para o ensino médio, uma carga horária destinada à formação específica, à iniciação científica, e, para ampliação da formação cultural, possibilitando, assim, o desenvolvimento de atividades relacionadas ao trabalho, à ciência e a cultura, atendendo às necessidades e características sociais, culturais, econômicas e intelectuais dos estudantes. Para Ciavatta (2014):

O termo integrado remete-se, por um lado, a forma de oferta do ensino médio articulado com a educação profissional; mas, por outro, também a um tipo de formação que seja integrada, plena, vindo a possibilitar ao educando a compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso. Tratando-se a educação como uma totalidade social, são as múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos (CIAVATTA, 2014, p.198).

Portanto, um ensino médio no qual o conhecimento geral e o específico estão integrados e ministrados numa escola pública, gratuita e de qualidade.

2.5.4. Princípio Educativo

É a mediação do trabalho na construção do conhecimento, isto é, com esse conhecimento o que se pode fazer, o que se pode compreender (RAMOS, 2008).

É a ação humanizadora que se faz presente na natureza formativa do trabalho e da educação, manifestadas por meio das habilidades, próprias, dos seres humanos (CIAVATTA, 2009).

Introduzido os conceitos norteadores da concepção do EMI, prossegue-se com a abordagem do *Podcast*, que tem como propósito ancorar os princípios descritos anteriormente.

2.6. *PODCAST* COMO PRODUTO EDUCACIONAL

De acordo com Momesso e Yoshimoto (2016), *podcast* é um arquivo digital de áudio no formato MP3, um tipo de arquivo produzido de forma rápida e simples sem grandes custos com software ou hardware. Recursos técnicos, como a roteirização, a captação do áudio por equipamentos digitais, os efeitos sonoros e as trilhas, são recursos radiofônicos que foram agregados ao *podcast*. O que difere do rádio tradicional são os sentidos de comunicação e circulação, multidirecionalidade de comunicação e a bissensorialidade, isso acontece em função dos novos suportes em que a nova mídia é hospedada (MOMESSO, YOSHIMOTO, 2016). Para Pretto *et al.* (2010), a multidirecionalidade refere-se à comunicação por meio do “diálogo”, isto é, um sistema aberto de interação e de conhecimento, e a bissensorialidade são recursos visuais agregados ao áudio.

Momesso e Yoshimoto (2016) citam itens importantes do *podcast*: o sistema de circulação é feito por meio de um provedor de acesso; a distribuição ocorre mediante uma “assinatura” e permite acessar o *podcast* sem conectar-se ao site; a atualização é instantânea ocorrendo logo após a postagem de um novo *podcast*; o *podcast* pode ser produzida no formato de episódios que variam em sua duração e periodicidade, podendo ser episódio único ou em sequência, esta definida pelo produtor; ferramenta de comunicação de baixo custo de produção, operacionalidade e distribuição; acesso direto em seus computadores pessoais, dispositivos móveis e portáteis; pode ser acessado em qualquer horário e lugar pelos seus ouvintes; vários tipos de *podcast* para atender a demanda de informações, para contemplar um número diverso de público e ou grupos específicos; prioridade para *podcast* educativo (MOMESSO; YOSHIMOTO, 2016). Um *podcast* educativo que possa agir na sensibilização dos alunos atuando como um PE.

2.6.1. O *podcast* nos termos da concepção do EMI

A formação integrada defende um projeto educativo que supera a dicotomia na formação para o trabalho manual/intelectual; domine os fundamentos científicos diante das técnicas de produção modernas e que o sujeito se sinta completo com o seu trabalho perante a sociedade (RAMOS, 2014). Um ensino médio com princípio da omnilateralidade — uma educação que contribua para que o aluno possa perceber as suas potencialidades e estruturar as suas escolhas, tornando-o um sujeito com múltiplas experiências (RAMOS, 2014); princípio da politecnicidade, que visa proporcionar aos sujeitos a compreensão dos fundamentos da base produtiva e do processo de trabalho, assim como entender o quanto de história, de economia, de política e de cultura há nesse processo (RAMOS, 2014). O princípio educativo equivale a dizer que o indivíduo é produtor de sua realidade e por isso pode apropriar-se e transformá-la (RAMOS, 2014) e o princípio da escola unitária defende uma educação universalizada para toda a população superando a dualidade de classe (CIAVATTA, 2014). Para Kenski (2007),

A escola deve, antes, pautar-se pela intensificação das oportunidades de aprendizagem e autonomia dos alunos em relação à busca de conhecimentos, da definição dos seus caminhos, da liberdade para que possam criar oportunidades e serem sujeitos da própria existência (KENSKI, 2007, p. 66).

Portanto, elaborar e produzir um PE integrado, que abarque o princípio da omnilateralidade, isto é, que seja multifuncional no sentido de atuar não só, mas também, em conjunto com outros projetos da mesma natureza educativa; que abranja o princípio da politecnicidade — que seja multifacetado, isto é, compreendido o processo de elaboração/produção, possa auxiliar em diversos projetos; princípio da escola unitária — que seja singular, isto é, disponibilizar o *podcast* para a comunidade estudantil equivale a disponibilizar conhecimento para discussão para todos com igualdade de condições; por fim, um PE como princípio educativo, isto é, socializá-lo para o uso do bem comum.

Definidos os princípios, caminha-se para o desenvolvimento do PE. Para tanto, foram utilizados recursos de informática e contou-se com o auxílio de um profissional da área.

2.6.2 Recursos da informática na elaboração do *podcast*

Definido o PE, fez-se necessário recorrer aos estudos dos recursos utilizados no processo de ensino e aprendizagem disponibilizados pela informática. A linguagem oral auxiliada por outros recursos estimula outros sentidos e a visão é o que apresenta maior possibilidade percentual de aprendizagem, sendo assim, a combinação da linguagem oral com o recurso visual permite uma facilidade maior na aprendizagem, portanto, a combinação simples que oferece as melhores contingências para a aprendizagem são os recursos audiovisuais (FERREIRA; SILVA JR, 1986).

Para Ferreira e Silva Jr. (1986), as primeiras experiências de utilização do computador como recurso auxiliar no processo de ensino e aprendizagem ocorreu na década de 1960, na Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo, no Câmpus São Carlos, e, partir da década de 1970, quando as universidades e as escolas de ensino do 1º e do 2º grau iniciaram a utilização dos computadores, mais por um sentimento de necessidade do que por uma filosofia de trabalho preestabelecida. Em 1982, a Secretaria Especial de Informática (SEI) criou a Comissão Nacional da Informática na Educação, sob a coordenação do MEC. Em julho de 1983, foi aprovado o projeto Educação com Computadores (Educom), de Informática na Educação, e, em 1986, cinco universidades brasileiras: as Federais de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) foram credenciadas para implantação do projeto (FERREIRA; SILVA JR, 1986).

Dessa forma, têm-se, atualmente, três formas de linguagem: a oral, a escrita e a digital e as diferenças entre a linguagem oral e a escrita sob o ponto de vista de Reyzebal (1999) são:

- a língua oral está constituída por sons (nível fonético), a linguagem escrita por grafemas (nível grafêmico);
- a língua oral realiza-se na presença de interlocutores (salvo no caso de utilização de tecnologias especiais), o que implica imediatismo, a língua escrita não é realizada na presença do leitor, portanto, não existe o estímulo-resposta imediato, nem a readaptação espontânea;

- na língua oral as coisas ocorrem supostamente graças à situação. Elementos dêiticos, como aqui agora, a linguagem escrita deve incluir o contexto da situação;
- a língua oral utiliza elementos verbais (suprasegmentais) próprios (pausas, entonações, ritmo, intensidade, duração) e gestuais, corporais etc., a língua escrita utiliza-se de elementos verbais iconográficos e gráficos: pontuação, margens, sublinhados, ilustrações, tipos de letras;
- na linguagem oral costuma ocorrer múltiplas repetições, interjeições, exclamações, onomatopeias, na linguagem escrita, evita-se as repetições e o uso abusivo de interjeições, exclamações ou onomatopeias;
- na linguagem oral, às vezes, rompe-se a sintaxe (anacoluto, desvios, omissões) e usam-se com certa liberdade, diferentes registros, na linguagem escrita, o cuidado com o léxico, a sintaxe, parece ser mais explícito e coerente e costuma manter, o mesmo, registro linguístico ao longo do discurso;
- o uso da oralidade é universal e sua aprendizagem é “espontânea”, o uso da escrita não é universal e é aprendido “na escola”;
- a fala tem caráter temporal, a escrita tem caráter espacial;
- quem fala tem pouco tempo para estruturar o discurso, por isso, este pode ser menos preciso ou rigoroso do ponto de vista linguístico. Quem escreve, pode cuidar mais da estruturação do discurso e até mesmo consultar dúvidas, corrigir, ampliar, acrescentar esquemas (REYZEBAL, 1999, p. 57).

Para Kenski (2007), a linguagem digital engloba a linguagem oral e escrita em novos contextos, rompendo com as narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita. Para o autor, a nova linguagem apresenta-se como um fenômeno descontínuo, fragmentado, dinâmico, aberto e veloz, estabelecendo novas relações entre conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes.

É por meio da linguagem digital e da utilização dos recursos audiovisuais disponibilizados pela informática que está ancorada a produção do PE.

2.6.3. Recursos audiovisuais no processo de ensino e aprendizagem

As tecnologias digitais abrem espaço para o surgimento dos ambientes virtuais e estes, para a criação de espaços educacionais, que são radicalmente diferentes daqueles ambientes nos quais estamos fisicamente presentes (KENSKI, 2007). Para Almeida (2003), ambientes digitais de aprendizagem

[...] são ambientes computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pela tecnologia de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções, tendo em vista atingir determinados objetivos. As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado *design educacional* o qual constitui a espinha dorsal das atividades a realizar, sendo revisto e reelaborado continuamente no andamento da atividade (ALMEIDA, 2003, p. 331)

De acordo com Kenski (2007), as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), sobretudo o computador na área educacional, provocam novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado, pois a imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado, que, quando bem utilizadas, proporcionam melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado, tanto no discente quanto no docente. Segundo o autor, as redes de comunicação trazem muitas possibilidades para o conhecimento e aprendizagem, ultrapassando os espaços físicos das escolas, pois a dinâmica e a capacidade de estruturação das redes colocam todos os alunos em conexão, aprendendo e discutindo em igualdade de condições.

Assim, os recursos tecnológicos desempenham um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. Um dos exemplos é o *podcast* e para a sua elaboração, Carvalho (2016) apresenta uma sugestão de roteiro:

- A pauta — é composta por assuntos que serão discutidos pela equipe de produção: pesquisa, problematização e seleção do tema a ser abordado, bem como a melhor forma de abordá-los, e acrescenta que, nessa fase, é importante destacar a ética editorial, que é um dos fatores essenciais nas

interações e comunicações, realçando a necessidade do texto primar pela neutralidade, principalmente nas questões polêmicas (CARVALHO, 2016);

- O roteiro — é o texto a ser falado pelo locutor, bem como o trabalho com a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, além das técnicas para deixar a comunicação mais clara, evitando palavras de difícil pronúncia, cacófonos, entre outros (CARVALHO, 2016);
- A locução — é o trabalho com a vocalização, a entonação, o ritmo e a atitude (CARVALHO, 2016);
- A edição — é a fase de seleção, do corte, da inserção de efeitos sonoros, da eliminação de ruídos indesejáveis, da inserção da trilha sonora, tudo feito no programa de edição de som, como o Audacity, que foi escolhido por ser de utilização gratuita, facilmente carregável a partir da Internet e por permitir tanto a gravação quanto a edição do arquivo de áudio (CARVALHO, 2016).

A possibilidade de produzir vídeos em estúdios e ou editar imagens estáticas para associá-los ao tema do *podcast*, de utilizar o provedor de fácil acesso, ter na ferramenta digital atualizações instantâneas (MOMESSO; YOSHIMOTO, 2016), foram fatores que contribuíram para elencar o *podcast* como PE da presente pesquisa.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no Câmpus São Carlos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), visando abordar a temática *bullying*, no contexto da EPT, por meio da aplicação de *podcasts* como PE. Como a proposta do trabalho foi disponibilizar o material aos demais Câmpus do IFSP, buscou-se uma parceria com o curso de Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), visando à produção de um material de melhor qualidade. Nesse sentido, foram feitos os contatos iniciais e estabelecida a cooperação entre o IFSP e a UFSCar.

Diante da parceria firmada, a pesquisadora entrou em contato com a direção do Câmpus São Carlos do IFSP para apresentar a proposta da pesquisa e solicitar a autorização para a sua realização.

Em atendimento aos preceitos éticos, por envolver pessoas como participantes, este projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética, que aprovou a pesquisa sob nº CAAE: 92634718.0000.5473.

A pesquisa foi realizada nos dois cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio Câmpus São Carlos do IFSP em 2018: 1º ano do curso de Manutenção de Aeronaves em Aviônicos — turmas A e B, que contou com a participação de 18 e 19 alunos, respectivamente; do 1º ano do curso de Informática para Internet, do qual participaram 44 alunos, e do 2º ano, com 28 alunos. A pesquisa também contou com a participação de diferentes profissionais, como pedagoga, psicóloga e professores.

O trabalho foi realizado nas dependências do câmpus durante o período de aula. É importante ressaltar que todos os estudantes participaram das atividades propostas, no entanto, foram validados os dados dos estudantes que responderam os questionários e entregaram os termos de Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido (apêndice G e H) à pesquisadora.

Para elaboração do *podcast*, a modalidade de pesquisa empregada foi a pesquisa-ação. Existem várias definições para esse termo. Para Thiollent (1998), é um:

[...] tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da

situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 1998, P.14).

Dessa forma, a pesquisa-ação envolve a participação direta dos interessados nos problemas tendo como função diagnosticar uma situação e vivenciá-la com o propósito de lhe conferir um sentido e proporcionar novas ações (EL ANDALOUSSI, 2004).

Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva (BALDISSERA, 2001, p. 6).

Dentro da pesquisa-ação, é possível obter os dados por meio da combinação de diferentes instrumentos de coleta de dados (BALDISSERA, 2001). Nesta pesquisa, foram utilizados questionários e entrevistas com os alunos, bem como entrevistas com profissionais que atuam na área social e pedagógica, além do trabalho de intervenção junto aos estudantes. As principais informações referentes a esta pesquisa estão resumidas na figura 1.

Figura 1: Resumo da pesquisa

Objetivos específicos	Etapas da pesquisa	Sujeitos da pesquisa	Instrumentos de coleta
<input type="checkbox"/> Qual o papel dos <i>podcasts</i> , elaborado com os alunos da EPT, na abordagem do tema bullying?	<input type="checkbox"/> Entrevista com sociopedagógico	<input type="checkbox"/> Pedagoga e Psicóloga	<input type="checkbox"/> 9 questões semiestruturadas para cada profissional
	<input type="checkbox"/> Aplicação do questionário A	<input type="checkbox"/> Alunos do EMI	<input type="checkbox"/> 37 questões estruturadas e 2 semiestruturadas
	<input type="checkbox"/> Gravação dos <i>podcasts</i>	<input type="checkbox"/> Alunos do EMI e 4 professores convidados	<input type="checkbox"/> Questões abertas com a temática do <i>bullying</i>
<input type="checkbox"/> Qual a relação dos <i>podcasts</i> no contexto educacional da EPT?	<input type="checkbox"/> Aplicação do questionário B	<input type="checkbox"/> Alunos do EMI	<input type="checkbox"/> 37 questões estruturadas e 4 semiestruturadas
	<input type="checkbox"/> Avaliação dos <i>podcasts</i>	<input type="checkbox"/> Alunos do EMI	<input type="checkbox"/> 6 questões estruturadas e 2 semiestruturadas

Fonte: Autoria própria

1ª ETAPA: ENTREVISTAS COM PROFISSIONAIS DO SETOR SOCIOPEDAGÓGICO

As entrevistas foram realizadas em 27 de setembro de 2018, no Câmpus São Carlos, com a pedagoga (Apêndice A) e a psicóloga (Apêndice B) do câmpus, totalizando uma duração aproximada de 60min. Os roteiros foram compostos por nove questões semiestruturadas com a intenção de conhecer a dinâmica do *bullying* na instituição.

A entrevista é o processo de interação social entre o entrevistado e o entrevistador, que tem o objetivo de obter informações do entrevistado (HAGUETTE, 1995). A entrevista face a face é uma interação humana em que estão presentes as percepções do outro e de si, as expectativas, os sentimentos e preconceitos (SZYMANSKI, 2000). A autora acrescenta que o entrevistador tem uma intencionalidade que vai além da busca de informações, por exemplo, criar uma situação de confiança para adquirir a colaboração do entrevistado e este, pelo simples fato de participar da pesquisa, é um indicador de intencionalidade, a de ser ouvido.

Para Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, que foram previamente definidas, e o informante discorre sobre o tema proposto num contexto muito semelhante a uma conversa informal. Esse tipo de entrevista é utilizado quando se deseja delimitar a quantidade das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema a fim de que o objetivo seja alcançado (BONI; QUARESMA, 2005).

2ª ETAPA: APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO INICIAL (QUESTIONÁRIO A)

Antes da aplicação do Questionário A (Apêndice C), nos dias 2 e 3 de outubro de 2018, foram exibidos dois vídeos no formato de desenho animado como ferramenta pedagógica para a contextualização do tema *bullying* e para instigar as concepções dos alunos na dinâmica do *bullying*. Esse momento serviu, também, para a apresentação do projeto e da pesquisadora.

A sessão foi iniciada com: Que papo é esse? *Bullying*¹. Produção da Prefeitura de São Paulo, Fundação São Pedro e Produtora Casa Blanca, com duração de 10min. e 48seg. Em seguida, foi exibido o Programa de Combate ao *Bullying*², produzido pela Agência Senado, com duração de 2min. e 39seg.

Após as exibições, foi aplicado o questionário A. Trata-se de uma adequação do questionário extraído do trabalho de Gonçalves (2015) e do questionário sobre *bullying* disponível no site PsicoEdu (Psicologia para Educadores).

O questionário A foi composto por 37 questões de dupla escolha e duas questões semiestruturadas com a finalidade de averiguar o comportamento dos alunos frente à dinâmica do *bullying*, isto é, se já participaram como autores, vítimas, observadores e/ou denunciadores. As questões semiestruturadas tiveram como fim fazer opinar a respeito dos autores da violência, bem como colher sugestões para reduzir a prática do *bullying* no contexto escolar do ponto de vista dos alunos. O questionário foi aplicado para todos os estudantes do EMI e 98 alunos responderam as questões.

3ª ETAPA: PRODUÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Segundo Ruggi (2016), o *podcast* é uma mídia voltada para o entretenimento, portanto, a maioria das informações sobre o seu processo e métodos são oriundos de quem os produz e não necessariamente da comunidade científica, como também a construção do conteúdo multimídia não tem regras definidas, por isso, os processos de produção não são totalmente padronizados e são definidos de acordo com cada autor.

Antes de criar um *podcast*, Miro (2013) recomenda: escolher uma temática, definir os participantes, selecionar os equipamentos, agendar a gravação, decidir a trilha sonora, planejar a finalização da edição e concluir com a publicação.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KKShIZAYF4I>

² Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2015/06/projeto-define-oito-tipos-de-bullying-que-devem-ser-evitados-na-escola>.

A. Temática: O tema proposto para a elaboração dos *podcasts* — *bullying* no ambiente escolar.

B. Definição dos participantes: prontificaram-se a participar dessa etapa, voluntariamente, 33 alunos do EMI do IFSP Câmpus São Carlos. Foram convidados quatro professores: dois professores do IFSP — Câmpus Sertãozinho e Câmpus São Paulo e dois docentes da Universidade de São Paulo — Câmpus Ribeirão Preto.

C. Seleção dos equipamentos: para a produção desse evento, utilizou-se de um notebook como instrumento principal de gravação e um celular para eventual imprevisto. Os dois aparelhos foram acionados simultaneamente.

D. Gravação de áudio

D1. Alunos protagonistas: as gravações iniciaram-se em outubro de 2018. Os alunos espontaneamente dirigiram-se a uma sala de aula cedida para essa finalidade. As gravações dos áudios procederam-se de forma individual e foi oferecido a cada um a liberdade de expor os seus pontos de vista sobre a temática do *bullying*. É importante ressaltar que todos os estudantes foram convidados para participar dessa etapa, no entanto, 33 estudantes aceitaram o convite. Desse total, três áudios não foram utilizados na análise dos resultados, pela inexistência dos Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido.

Com o intuito de manter o anonimato dos alunos participantes da pesquisa, eles foram identificados pela letra A numerados sequencialmente, tais como entrevistado A1, entrevistado A2, entrevistado A3, entrevistado A4...

D2. Convidados protagonistas: Essa etapa procedeu-se após o término das gravações dos áudios com os alunos. Por vivenciarem, de alguma forma, a dinâmica do *bullying* no seu cotidiano, foi solicitado aos professores convidados que falassem a respeito do *bullying* no contexto escolar. As entrevistas abertas foram realizadas nos dias 15 e 16 de outubro de 2019, nos Câmpus São Paulo e Sertãozinho do IFSP e na USP — Câmpus Ribeirão Preto. Os professores convidados que participaram

desta pesquisa foram identificados como entrevistado P1, entrevistado P2, entrevistado P3 e entrevistado P4.

E. Pesquisa da trilha sonora e imagens (fotos) para compor o *podcast*: após pesquisa na internet, no domínio público, a música intitulada *Morning Mandolin*, do autor Chris Haugen, foi escolhida para servir como fundo musical do PE, e, para ilustrar o *podcast*, foram selecionadas 94 imagens retiradas do arquivo fotográfico da autora e outras oito da internet de domínio público. As imagens foram cuidadosamente escolhidas para não causar desconforto aos alunos protagonistas, ao assistirem os *podcasts*, como, também, houve a intenção de provocar o exercício de pensar, de refletir que é muito pertinente no contexto atual.

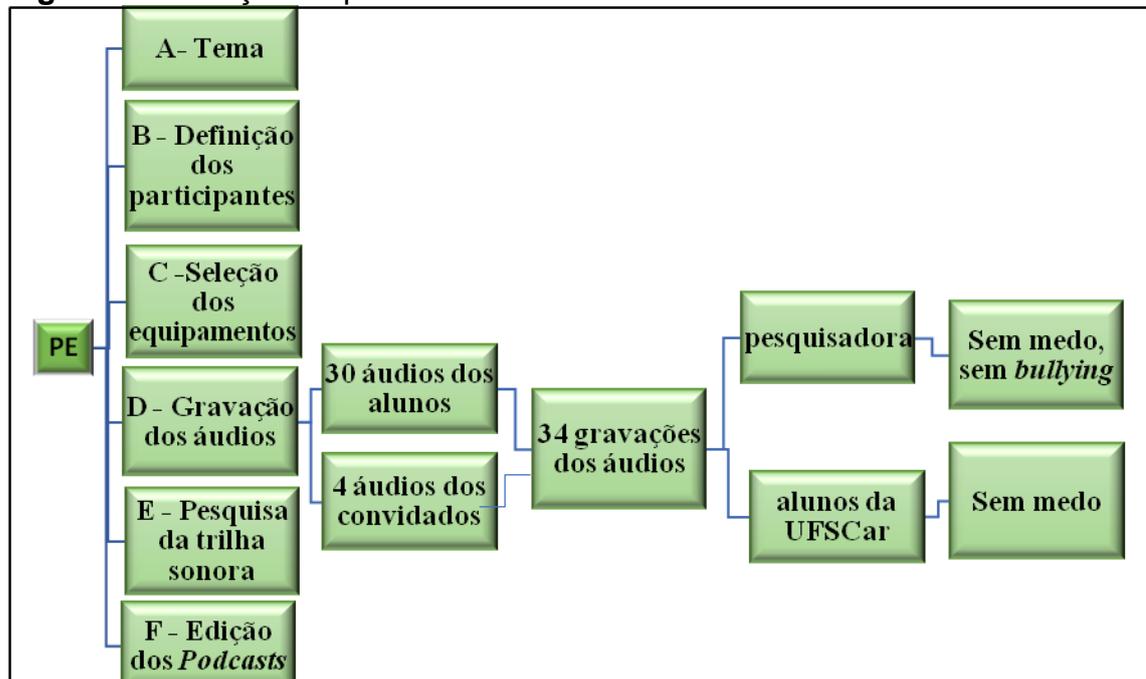
F. Edição do Produto Educacional — *Podcast*: todos os áudios foram gravados no formato Windows Media Áudio (wma) e importados para o programa Audacity. Para Miro (2012), trata-se de um programa de código aberto para edição de áudio; é gratuito e de fácil manuseio e permite reproduzir em formatos WAV, AIFF, MP3 e OGG; possui barra de ferramenta métrica para monitorar níveis de volume durante a reprodução e gravação como também um espectrograma para visualização das frequências, além do espectro de frequência para a análise mais detalhada e funciona em todas as versões do Windows e Mac; é um programa que permite fazer cortes, remover ruídos entre outros, como também gravar em diferentes formatos de áudio; atualmente é o editor de áudio mais usado (MIRO, 2012).

A partir dos áudios, tanto dos alunos quanto dos convidados, foi possível a produção de dois *Podcasts*. O primeiro intitulado *Sem Medo* tem duração de 3 minutos e foi produzido pelos alunos do curso de Bacharelado em Imagem e Som da UFSCar, e o segundo, intitulado *Sem Medo, sem bullying*, foi produzido pela pesquisadora, com duração de 19 minutos e 26 segundos.

Para a produção do *Podcast* pela pesquisadora, todos os áudios gravados foram importados para o programa Audacity. Efeitos como amplificar vozes, remover ruídos e reunir falas foram executados para a montagem do *Podcast*. Na etapa seguinte, foram selecionadas as imagens com os seus devidos cuidados, bem como as fotografias dos alunos foram preservadas. A gravação final foi feita em formato MP3 com o auxílio do próprio Audacity.

O programa PowerPoint foi utilizado para dispor as imagens na sequência desejada e a finalização do audiovisual deu-se pela inserção, tanto das imagens, da trilha sonora, quanto dos áudios dos alunos e dos professores convidados no programa Windows Movie Maker. Conforme Ciriaco (2015), Windows Movie Maker é um editor de vídeo, um software da Microsoft, que apresenta suporte para trilha sonora, filtros de imagens e efeitos de transição, que são ferramentas básicas para criar um pequeno filme a partir de quatro ações: adicionar arquivos de foto ou vídeo à linha do tempo, adicionar áudio ou fazer narração, adicionar títulos e créditos e publicar a obra.

Figura 2: Produção do produto educacional



Fonte: Autoria própria

4ª ETAPA: COLETA DE DADOS A PARTIR DA EXIBIÇÃO DOS *PODCASTS*

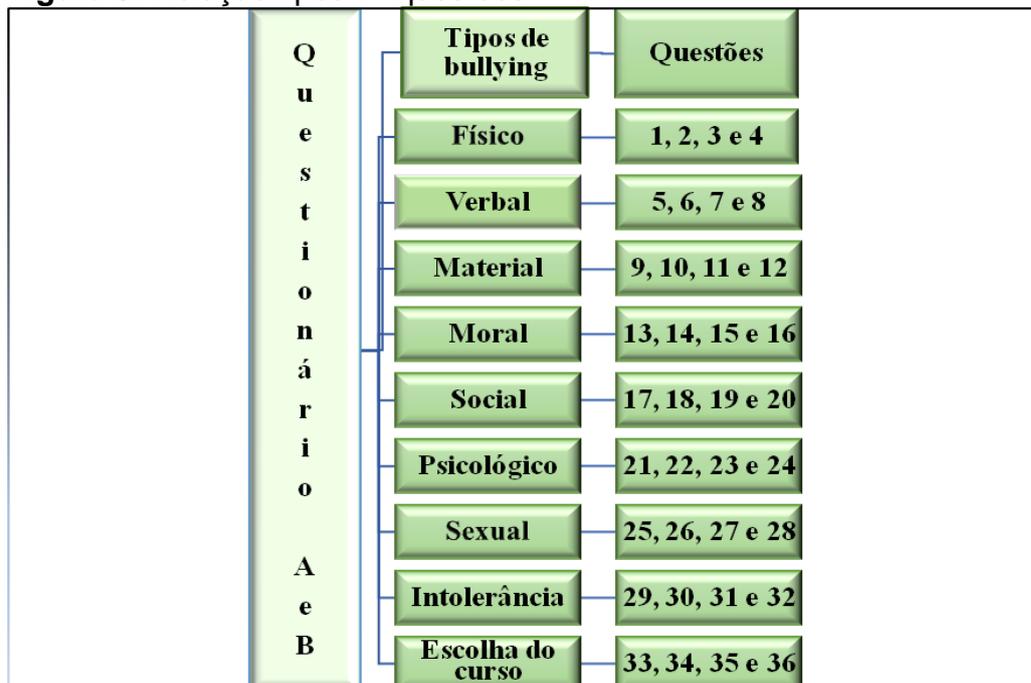
Em 19 de março e 26 de abril de 2019, antes da exibição dos *Podcasts*, realizou-se uma intervenção (Apêndice E) junto aos alunos visando levantar concepções sobre interação social e programas educativos.

O questionário B (Apêndice D) foi aplicado após a exibição dos *Podcasts* para avaliar a sua eficácia em relação à sensibilização dos alunos. Esse questionário foi composto pelas mesmas 37 questões de dupla escolha presentes no questionário A,

com os devidos ajustes no tempo verbal, e foram adicionadas quatro questões dissertativas com o intuito de levantar as concepções dos alunos sobre a temática do *bullying* em relação aos profissionais que atuam direta e diariamente com os estudantes, bem como o posicionamento do aluno diante da polêmica questão — punir ou não o aluno agressor.

Os dados coletados foram agrupados em conformidade com os diferentes tipos de *bullying* e as informações analisadas à luz da literatura científica. A figura 3 apresenta as questões referentes a cada tipo de *bullying*.

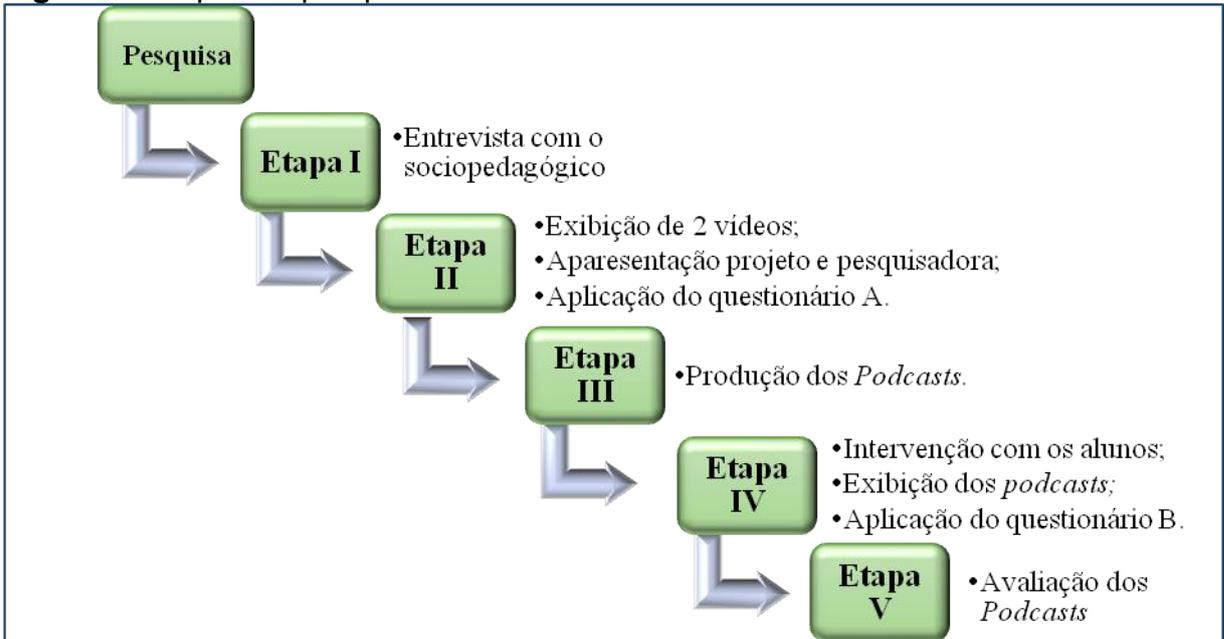
Figura 3: Relação tipos — questões



Fonte: Autoria própria

5ª ETAPA: AVALIAÇÃO DOS PODCASTS PELOS ESTUDANTES

Após a exibição, os estudantes fizeram a avaliação dos *Podcasts* por meio de um questionário (Apêndice F) contendo seis questões estruturadas e duas semiestruturadas, em que foi possível levantar os pontos positivos, negativos e a contribuição dos *Podcasts* na visão dos estudantes. A figura 4 apresenta de forma resumida as principais etapas da pesquisa.

Figura 4: Etapas da pesquisa

Fonte: Autoria própria

Os resultados e a discussão dos dados coletados ao longo do projeto são discutidos no tópico 5.

4. PRODUTO EDUCACIONAL

Conforme Momesso e Yoshimoto (2016), o processo de acumulação cultural foi, por muito tempo, feito por meio da oralidade, e, com o surgimento da linguagem escrita e invenção da imprensa, a escrita proporcionou um novo modo de se relacionar com os diversos textos, atribuindo à linguagem oral um papel secundário na cultura erudita. Acrescentam que com o advento do rádio renasce a linguagem oral e com o desenvolvimento de novos dispositivos, essa linguagem passa a ser veiculada com diversas possibilidades de suporte e circulação e, assim, o *Podcast* surge por meio de suportes e dispositivos que se acoplaram ao sistema radiofônico. Se a tecnologia influencia o modo como o discurso é apreendido pelo sujeito, então, é fundamental o uso do *Podcast* como um dispositivo que colabore para a reflexão, pois esse fato torna-se extremamente importante, quando se busca pensar a educação a partir de uma perspectiva crítica (MOMESSO; YOSHIMOTO, 2016). Nesse aspecto, o *Podcast* torna-se um dispositivo ideal para compor o PE elaborado nos termos da concepção do EMI.

Podcast é um arquivo digital de áudio do tipo MP3 que minimiza a perda da qualidade de arquivos de áudio e muitos dos recursos técnicos advindos do sistema radiofônico foram incorporados ao *Podcast*, como a roteirização, captação do áudio por equipamentos digitais, efeitos sonoros, entre outros, adquirindo características próprias tais como os sentidos de comunicação e circulação, multidirecionalidade de comunicação e a bissensorialidade (MOMESSO; YOSHIMOTO, 2016). A multidirecionalidade refere-se ao sistema aberto de comunicação, isto é, ao diálogo e a bissensorialidade, aos recursos visuais agregados ao áudio (PETTO, 2010).

É uma ferramenta de comunicação de baixo custo de produção, operacionalidade e distribuição e pode ser acessado a qualquer hora em qualquer lugar, ou pelo computador pessoal ou pelos dispositivos móveis, como, também, é possível pensar em vários tipos de *Podcasts* para contemplar diversos perfis de público (MOMESSO; YOSHIMOTO, 2016).

Para o público estudantil, abraçamos o *Podcast* como suporte para sustentar um PE produzido nos termos da concepção do EMI, que está ancorado no princípio da omnilateralidade — no qual os sujeitos possam perceber suas potencialidades, estruturar suas escolhas e acumular as experiências (RAMOS, 2014); politecnicidade —

proporcionar aos sujeitos a compreensão dos fundamentos da base produtiva e do processo de trabalho, assim como entender o processo histórico desse movimento; unitário — universalizar a educação para toda a população, superando a dualidade de classe (CIAVATTA, 2014) e, por fim, como princípio educativo, isto é, o sujeito é produtor da sua própria realidade, portanto, podendo apropriar-se e transformá-la (RAMOS, 2014). Sendo assim, temos um *Podcast* omnilateral, isto é, multifuncional — para que possa atuar só ou conjuntamente em outros projetos educativos; politécnico, um *Podcast* multifacetado, ou seja, compreendido as técnicas possa produzir ou auxiliar na produção de projetos de outras categorias; unitário, um *Podcast* disponível para proporcionar conhecimento e discussão com igualdade de condições, e, temos, também, o *Podcast* como princípio educativo, que nada mais é do que socializá-lo para o uso do bem comum.

Para elaborar o *Podcast* fez-se necessário recorrer aos recursos disponibilizados pela informática, utilizados no processo de ensino e aprendizagem. Conforme Kenski (2007), a linguagem oral é a mais utilizada pelo professor e a visão apresenta maior possibilidade de aprendizagem, a junção desses dois canais resultou no recurso audiovisual que oferece maior contingência para a aprendizagem. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado e quando bem utilizados, promovem melhor conhecimento e aprofundamento dos conteúdos estudados (KENSKI, 2007).

Os recursos tecnológicos desempenham papéis importantes no ensino e aprendizagem, como no caso do *Podcast*. Para a sua elaboração, Carvalho (2016) apresenta um possível roteiro a ser seguido, assim resumido:

- Pauta — seleção do tema a abordar e a melhor forma de fazê-lo, com destaque para ética editorial nessa fase;
- Roteiro — refere-se ao texto a ser falado pelo locutor;
- Locução — trabalho com a vocalização, entonação, ritmo e atitude;
- Edição — seleção, corte, inserção da trilha sonora.

De posse desses conhecimentos e acrescidos de outras facilidades como facilidade de acesso à ferramenta, inserção de recursos audiovisuais, baixo custo de produção, operação e distribuição, mencionados anteriormente, o *Podcast* foi eleito

como PE da presente pesquisa. Para a sua elaboração, houve a necessidade de realizar entrevistas abertas nas quais os alunos tiveram a oportunidade de relatar os seus pareceres diante de situações de *bullying*. Também estão presentes quatro áudios de profissionais que, de alguma forma, relacionam-se com a dinâmica do *bullying* no ambiente laboral.

Figura 5: Elaboração dos *Podcasts*



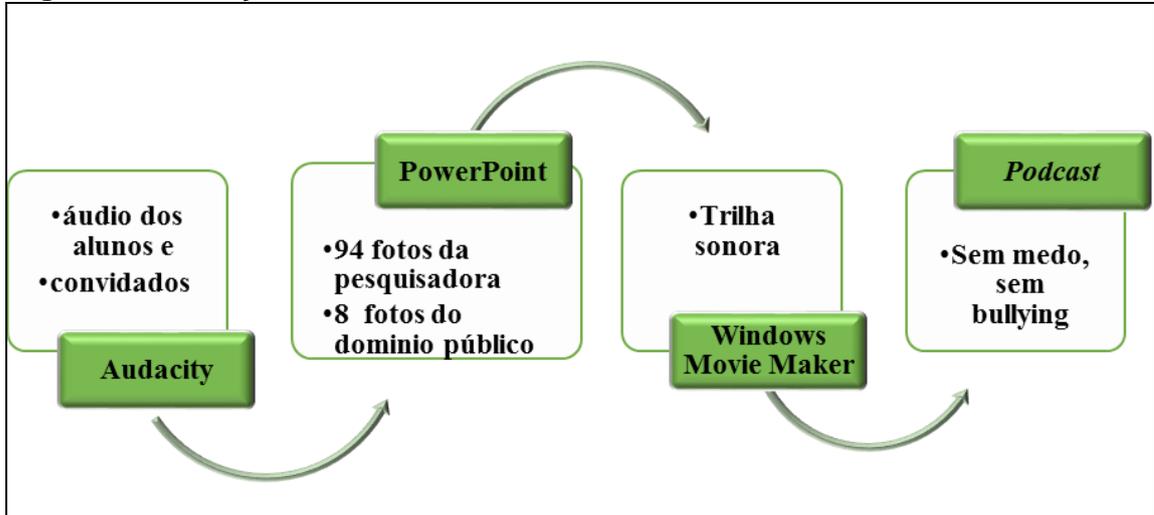
Fonte: Autoria própria

Os áudios foram gravados por meio do notebook e do dispositivo móvel e trabalhados no programa Audacity. Este é um programa gratuito, multifuncional e de fácil manuseio. Por meio do Audacity, é possível reduzir os ruídos, alterar velocidade, suavizar a entrada e saída dos áudios, entre outros (MIRO, 2012). Para compor a segmento visual do *Podcast*, as imagens (fotografias) foram trabalhadas no programa PowerPoint. Por último, os áudios, as imagens e o fundo musical foram inseridos no programa Windows Movie Maker, um editor de vídeo. Assim surgiu o *Podcast*, “Sem medo, sem *bullying*”, com duração de 19 minutos e 26 segundos, podendo ser acessado por meio do link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/553168>.

O *podcast* “Sem Medo” foi produzido pelos alunos de graduação do curso de Imagem e Som da UFSCar — Câmpus São Carlos e pode ser acessado por meio do link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/553211>.

Os *Podcasts* foram exibidos para todas as turmas do EMI do Câmpus São Carlos e teve uma boa aceitação entre os alunos.

Figura 6: Produção do *Podcast*



Fonte: Autoria própria

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são apresentados os resultados e as análises referentes aos dados coletados na pesquisa. A discussão está organizada conforme a sequência das questões apresentadas no questionário A. Inicialmente, expõem-se os dados coletados nas entrevistas com os profissionais do setor sociopedagógico, seguido pelos dados coletados nas entrevistas com os alunos. Na sequência, traça-se um panorama geral dos resultados, relacionando-os com os princípios da concepção do EMI. Prossegue-se, apresentando os resultados das nove categorias de *bullying* analisadas à luz da literatura científica. Os resultados verificados no Questionário A foram confrontados com os do Questionário B, que foi respondido após a exibição dos *Podcasts*. Por fim, apresenta uma discussão a respeito das avaliações dos *Podcasts* pelos estudantes participantes.

5.1 ENTREVISTA COM O SOCIOPEDAGÓGICO E O *BULLYING* NA INSTITUIÇÃO

Em 27 de setembro de 2018, foi realizada a entrevista com a pedagoga (Apêndice A) e a psicóloga (Apêndice B), com a finalidade de conhecer a dinâmica do *bullying* na Instituição.

Conforme a coordenadoria do Sociopedagógico, essa violência é cíclica, uma vez que há épocas que os relatos são mais frequentes, exceto em relação aos atos de *bullying* verbal, como os de apelidar, que acontecem diariamente, envolvendo o mesmo grupo de alunos ou alunos diferentes, quem é agressor num dia, é vítima no outro e vice-versa, motivo pelos quais não se consegue quantificar. Portanto, tem prioridade o controle qualitativo das ocorrências do *bullying*.

Não são todos os casos e tipos de *bullying* que a instituição toma ciência. Somente os casos notificados via aluno, via outro aluno, via professor ou servidor que relatam situações de violência que são trabalhadas pelo setor e normalmente a intervenção é feita por meio de conversas individuais com os alunos envolvidos, orientações aos responsáveis pelos alunos e, se necessário, a intervenção com alunos e professor através de discussão do tema em sala de aula. Para as ações

coletivas, todos os alunos são convidados a participarem de oficinas e eventos e, em muitos desses, eles fazem as suas próprias produções como nos casos dos cartazes com a temática em questão.

5.2 CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A TEMÁTICA *BULLYING*

A pesquisa iniciou-se no segundo semestre de 2018 e contou com a participação dos alunos do EMI do Câmpus São Carlos do IFSP. É importante ressaltar que todos os estudantes participaram das atividades, no entanto, 46 entregaram os termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido (apêndice G e H) e participaram de todas as etapas da pesquisa, portanto, fizeram parte da análise dos resultados.

Participaram voluntariamente das gravações de áudios 33 alunos do 1º e 2º anos do EMI. As gravações realizaram-se de forma individual e foi concedida aos alunos a liberdade de expor as suas experiências em relação à temática do *bullying*. Trouxeram relatos significativos que enriqueceram a pesquisa.

O quadro 1 apresenta um resumo contendo os principais pontos levantados pelos estudantes durante as entrevistas:

Quadro 1: Resumo da gravação dos áudios dos alunos

Causas do <i>bullying</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Zoar as pessoas que não se aceitam; • Sentimento de superioridade; • Não respeito às diferenças; • Para aparecer; • Para que o outro se sinta mal; • Exposição dos sentimentos internos; • Não sabe o que está fazendo.
Consequências do <i>bullying</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Evasão escolar; • Descontentamento com a escola; • Suicídio; • Depressão; • Abandono da família; • Comportamento antissocial; • Ansiedade; • Tristeza; • Medo; • Isolamento.

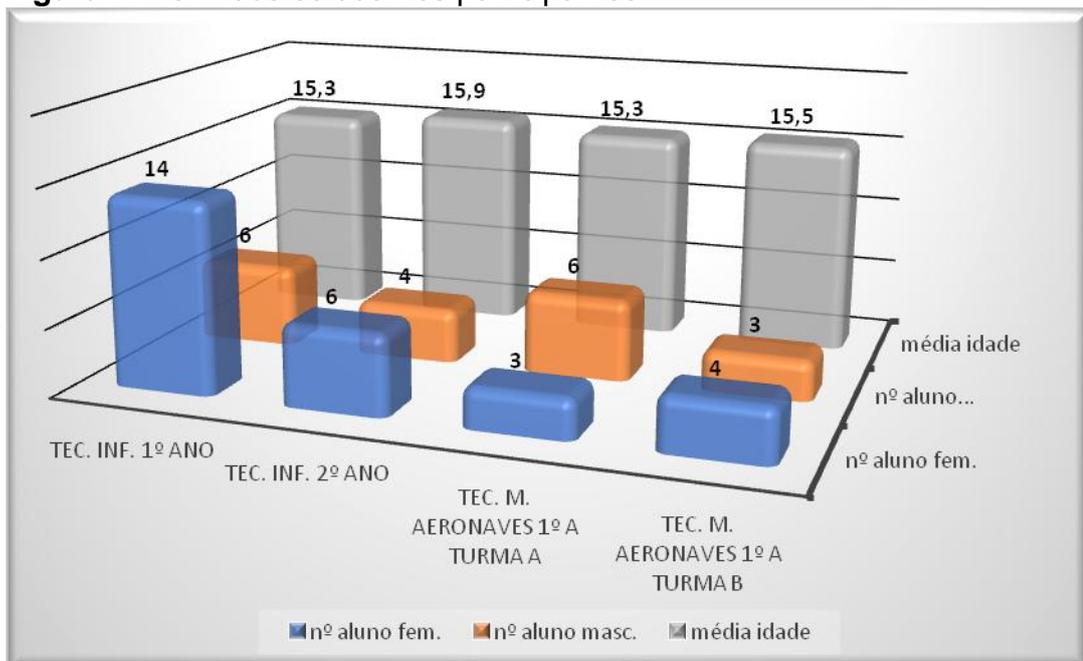
Mais praticados	<ul style="list-style-type: none"> • Xingamento; • Raça; • Gênero; • Zoar os cabelos; • Não estar no padrão imposto pela sociedade; • Apelidar; • Religião.
Ações <i>antibullying</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Palestras; • Conversa com os pais ou responsáveis; • Interação social; • Conscientização.
Sugestões dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Praticar empatia; • Procurar ajuda; • Prestar atenção antes de falar qualquer coisa; • Respeito um com outro; • Praticar ética coletiva; • Posicionamento solidário (o grupo em defesa da vítima); • Realizar minicursos, oficinas, para sensibilizar o agressor; • Projeto de integração.
Denúncia ou ajuda	<ul style="list-style-type: none"> • Informar pais, professores o que está acontecendo; • Conversar com o autor do <i>bullying</i>; • Orientar as vítimas a procurar ajuda; • Orientar o observador a ajudar a vítima e denunciar a ocorrência.
Formas de superação	<ul style="list-style-type: none"> • Com a ajuda da família; • Aceitando as diferenças; • Devolvendo as ofensas com elogios.
Ações da escola	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Palestras para proporcionar um ambiente melhor”;</i> • <i>“Praticar o que foi ensinado nas palestras”;</i> • <i>“Integração dos alunos”.</i>
Outros	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Bullying é coisa mais natural hoje em dia”;</i> • <i>“Sempre falar sobre o bullying para que não seja visto como coisa normal”;</i> • <i>“As vezes pratica até sem perceber e magoa as pessoas”;</i> • <i>“Os meninos praticam mais bullying dizendo que é só brincadeira, que está zoando com o amigo”;</i> • <i>“Ao mesmo tempo que você está sendo atingida, você dá o troco”.</i>
Observações	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Prefiro a integração das pessoas para se conhecerem, por exemplo gincanas”;</i> • <i>“A grande batalha nesse contexto não seria a conscientização, conscientizar o que é já foi pra muita gente. Todo mundo já sabe tudo sobre bullying, falta a parte prática, de fazer com que não aconteça mais”.</i>

Fonte: Autoria própria

5.3 PERFIL DOS ESTUDANTES DA PESQUISA

Para obter os perfis dos estudantes envolvidos, foi solicitado, além do número da matrícula, o preenchimento do gênero e idade no questionário A (apêndice C). O número da matrícula ao invés do nome foi solicitado para preservar o anonimato. Os dados estão representados na Figura 7.

Figura 7: Perfil dos estudantes participantes



Fonte: Autoria própria

O trabalho contou com a participação de estudantes na faixa etária entre 14 a 17 anos, sendo composto por 27 estudantes do gênero feminino (58,7%), com a média de 15,3 anos, e 19 alunos do gênero masculino (41,3%), com média de 15,5 anos.

Conforme Constantini (2004), um dos fenômenos preocupantes é o aumento do comportamento agressivo entre os adolescentes.

Na adolescência, pressupõe-se que os comportamentos de agressividade menos clamorosos, de tipo antissocial, sejam frequentes. No mais das vezes, quando não tem origem em patologias de fundo psíquico individual ou socio familiar, são manifestações exasperadas, ainda que disfuncional e socialmente inaceitável, de o jovem encontrar uma identidade própria, uma forma de ser reconhecido e de demonstrar que está presente e que vale alguma coisa para os relacionamentos e para sociedade (CONSTANTINI, 2004, p, 55).

Portanto, faz-se necessário uma maior atenção na elaboração do *Podcast*. Além da idade, os papéis de participação dos alunos na dinâmica do *bullying* foi outro item pesquisado.

5.4 PAPÉIS DE PARTICIPAÇÃO NO *BULLYING*

Antes de dar prosseguimento à discussão dos resultados, vale destacar que as apresentações numéricas dos dados das figuras estão representadas na escala percentual e a soma das parcelas pode, em determinados momentos, apresentar um valor acima de 100% devido à disposição das questões que permitiram assinalar mais de um item no mesmo grupo.

As sete configurações apresentadas estão em conformidade com as apresentadas na Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. A Lei Federal, no seu art. 3º, classifica o *bullying* de acordo com as ações praticadas em:

I — verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;

II — moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;

III — sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

IV — social: ignorar, isolar e excluir;

V — psicológico: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI — físico: socar, chutar e bater;

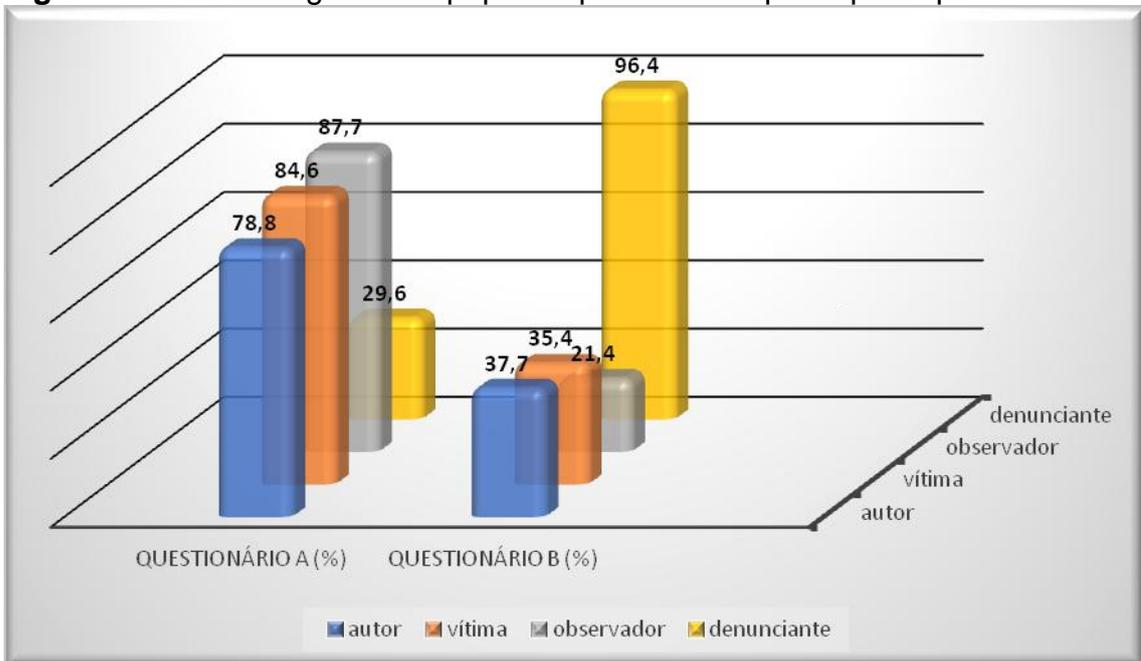
VII — material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII — virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas de intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimentos ou com intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Tanto no questionário A quanto no B, foi excluído o item VIII por tratar-se de *cyberbullying* e acrescentados mais dois itens: um referente à intolerância (racial, orientação sexual, sotaque e características físicas) e outro específico relacionado com a escolha do curso.

A figura 8 apresenta os papéis de participação dos alunos na dinâmica do *bullying* obtidas por meio das respostas assinaladas nos questionários A e B.

Figura 8: Panorama geral dos papéis representados pelos participantes



Fonte: Autoria própria

No Questionário A, 78,8% dos alunos já exerceram o papel de autor, pelo menos uma vez, em pelo menos uma das nove configurações de *bullying* apresentadas no questionário. O mesmo raciocínio foi mantido para vítima, isto é, 84,6% dos participantes foram vítimas, pelo menos uma vez, em pelo menos uma das nove situações de *bullying* apresentadas. Para os demais participantes em situação de *bullying*, faz-se as seguintes leituras: 87,7% dos participantes da pesquisa participaram como observadores, pelo menos uma vez, em pelo menos uma das nove situações de *bullying* apresentadas. E 29,6% dos participantes denunciaram situação de *bullying*, pelo menos uma vez, em pelo menos em uma das nove situações de *bullying* apresentadas.

Após exibição dos *Podcasts*, o questionário B apresentou os seguintes índices: 37,7% dos participantes seriam capazes de atuar como autores, pelo menos uma vez, em pelo menos em uma das nove situações de *bullying* apresentadas; 35,4% dos participantes não seriam capazes de solicitar ajuda se fossem vítimas, pelo menos uma vez, em pelo menos em uma das nove situações de *bullying* apresentadas; 21,4% dos participantes não seriam capazes de denunciar a situação

de *bullying* se fossem observadores, pelo menos uma vez, em pelo menos em uma das nove situações de *bullying* apresentadas e 96,4% dos participantes seriam capazes de denunciar a situação de *bullying*, pelo menos uma vez, em pelo menos em uma das nove situações de *bullying* apresentadas.

Esses dados indicam que, após a exibição dos *Podcasts*, houve uma redução média de 52,2% em relação aos protagonistas do *bullying* e um crescimento na intenção de denunciar de 66,8%. Esse aumento pode ter sido ocasionado pelo sentimento de empatia despertado nos alunos durante a exibição dos *Podcasts*, conforme expresso no relato do entrevistado A12:

Além de muitas vezes ouvirmos as coisas e não darmos a mínima, o podcast foi muito criativo, e com coisas reais que aconteceram que tocaram os nossos colegas, assim, causando uma aproximação maior com os acontecimentos (Entrevistado A12).

A importância da denúncia também esteve presente nos depoimentos de outros estudantes. De acordo com:

- Entrevistado A1: *“Aqueles que sofrem bullying devem denunciar primeiramente e falar quem é o agressor para que a coordenadora da escola possa auxiliar esse agressor, talvez seja um conflito com ele mesmo”*. De forma semelhante;
- Entrevistado A6 afirma que *“é importante as pessoas terem coragem de ir contar. Se não quer contar pra (sic) quem está praticando bullying, conte pra (sic) um professor, um outro amigo de confiança, pais, uma pessoa próxima de você”*.

Sendo assim, um dos trabalhos *antibullying* mais bem sucedidos internacionalmente conta com a participação dos observadores, como no caso do projeto finlandês KiVa, que, além de promover atividades e discussões com as vítimas e agressores, coordena uma equipe de profissionais especializados que instrui os observadores a interceder na dinâmica do *bullying* ou orienta-os para notificar a ocorrência a um dos profissionais pré-designados (SALMIVALLI, 2012).

O entrevistado P1 comentou sobre a importância dos alunos observadores que interceptam a expansão do ato:

Se nós trabalhamos com esse grupo, como prevê o projeto KiVa, nós acabamos contribuindo para que a diminuição, ela aconteça pela via de atuação dos próprios estudantes. Esses estudantes atuam aí então, como mediadores dos processos de violência, mediadores dos conflitos ou

mesmo atuando ativamente para romper com ciclo de violência
(Entrevistado P1).

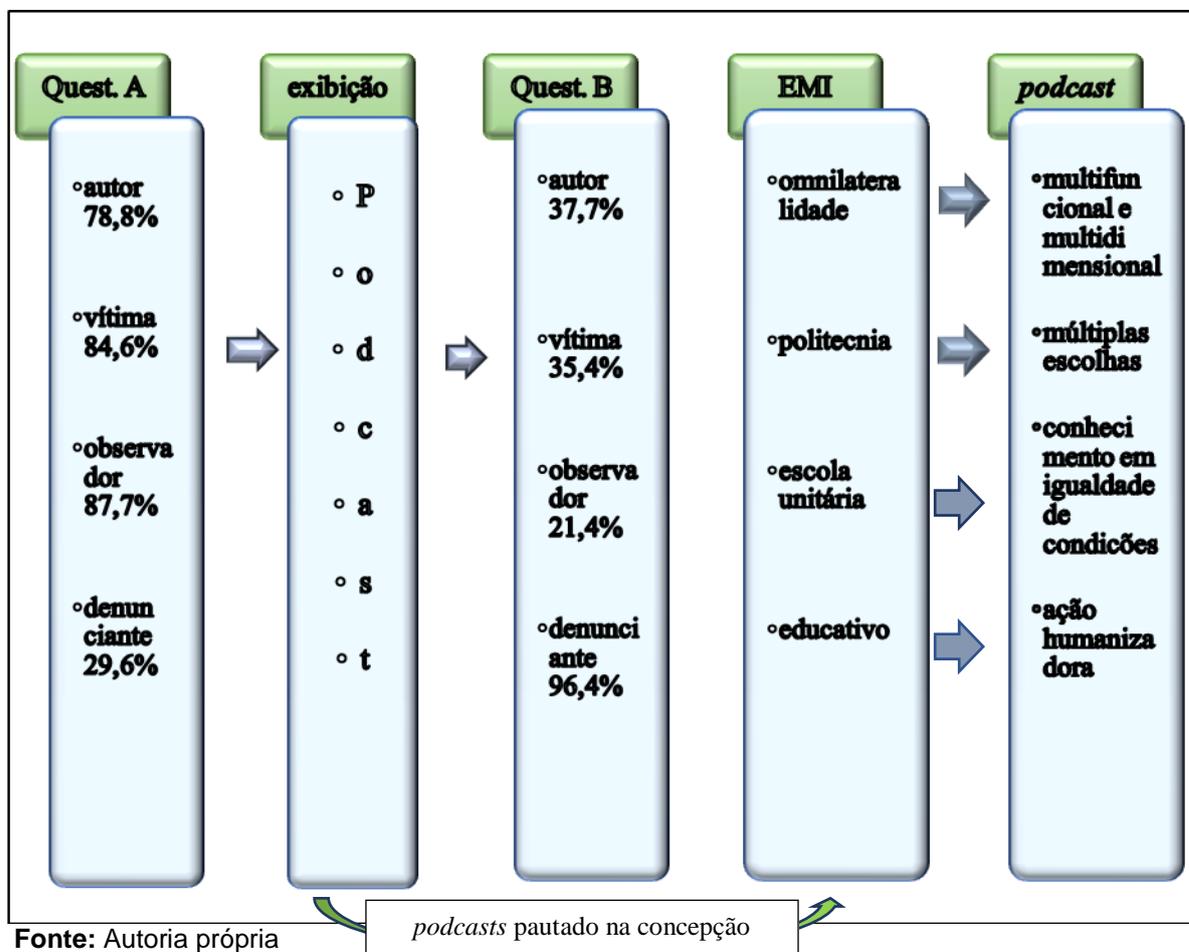
Portanto, os *Podcasts* podem contribuir na redução da taxa de violência e/ou contribuir na manutenção de projetos educacionais *antibullying* como a do Projeto KiVa. O *podcast* é uma ferramenta multifuncional, uma vez que pode ser utilizado como medida *antibullying*, auxiliar em programas *antibullying*, bem como na prática educativa. Como houve redução no índice dos protagonistas do *bullying* e crescimento na intenção de denunciar após a exibição dos *Podcasts*, pode-se dizer que ocorreu o ato da reflexão nos alunos e, conseqüentemente, despertou a empatia, então, esse recurso pode ser considerado uma ferramenta multidimensional. O recurso *Podcast* pode ser explorado em todos os sentidos, portanto, o princípio da omnilateralidade se faz presente. Para Ramos (2014), no EMI, a formação omnilateral possibilita revelar as potencialidades que cada um possui ou as que possam ser futuramente desenvolvidas, bem como a compreensão dos conhecimentos e recursos produzidos pela humanidade, uma formação em todos os sentidos.

Após a exibição e diante dos resultados obtidos, verificou-se o princípio da politecnicidade contidos nos *Podcasts*, isto é, o conhecimento do princípio científico tecnológico dos *Podcasts* permite melhor exploração da ferramenta e conseqüentemente mais experimentos, portanto, o conhecimento científico tecnológico permite múltiplas escolhas, logo, o princípio da politecnicidade faz-se presente. Para Ramos (2008, p.3) Politecnicidade no EMI significa “uma educação que possibilita a compreensão dos princípios científicos-tecnológicos e históricos da produção moderna, de modo a orientar os estudantes à realização de múltiplas escolhas”.

A seguir, apresenta-se o princípio da escola unitária no EMI, que, segundo Ramos (2008), é uma escola que expressa o princípio da educação como direito de todos, que todos tenham acesso ao conhecimento, à cultura e às mediações necessárias para trabalhar, bem como uma educação de qualidade, que possibilita a apropriação dos conhecimentos construídos pela humanidade. Assim, os *Podcasts* disponibilizados para a comunidade estudantil permitem o acesso ao conhecimento e a discussão em igualdade de condições, estabelecendo o princípio da escola única.

Por fim, tem-se o princípio educativo, que se manifesta na ação humanizadora contida no *Podcast*, pois este contribuiu na redução dos índices dos agentes do *bullying* e no crescimento da intenção em denunciar, após a sua exibição. Para Ramos (2014), o princípio educativo equivale a dizer que o indivíduo é produtor de sua realidade e, portanto, pode apropriar-se e transformá-la, e, conforme Ciavatta (2009, p.1), “o caráter formativo da educação como ação humanizadora por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano” e acrescenta que nem todo trabalho é educativo, pois dependerá das condições de sua realização, dos fins a que se destina, de quem se apropria do produto do trabalho e do conhecimento que gera.

Figura 9: Panorama geral — *podcasts* e os princípios do EMI



5.5 BULLYING FÍSICO

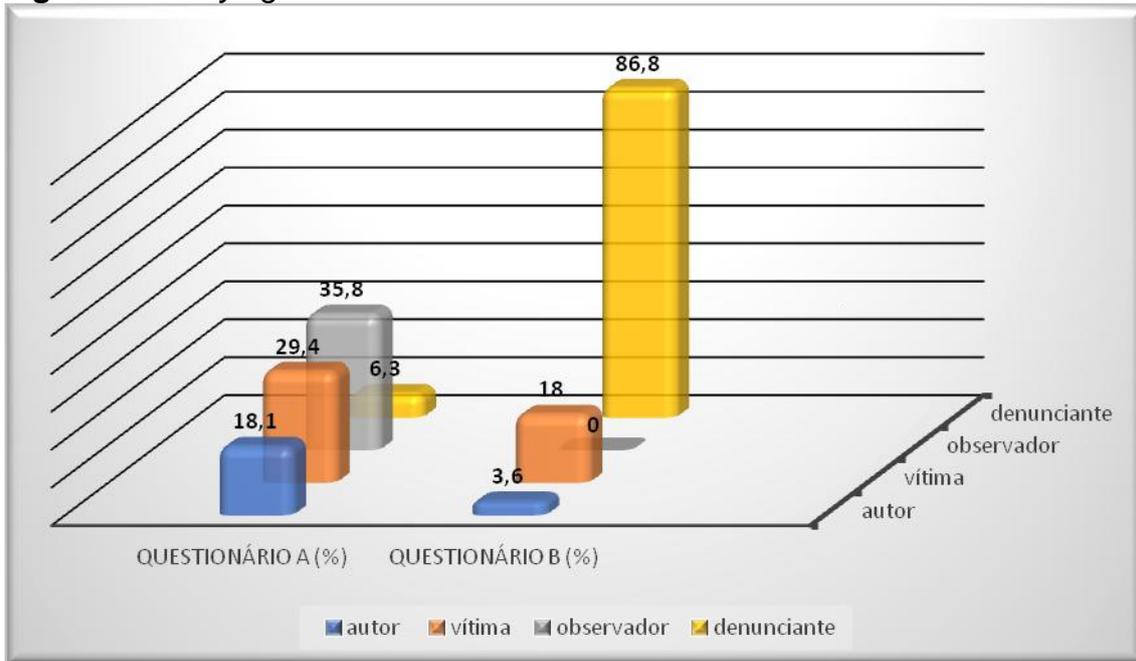
O *bullying* físico tem sido alvo de diversas pesquisas, com destaque para a citada pelo entrevistado P2. Segundo ele, o material que despertou interesse em desenvolver uma pesquisa exploratória sobre a indisciplina escolar foram os registros de ocorrências disciplinares. De acordo com o entrevistado, entre as ocorrências, havia muitos casos de agressões entre pares, xingamentos, tapas, empurrões, beliscões, isolamentos de colegas do grupo. Prossegue relatando que, a partir desse levantamento, passou-se a indagar, se eram episódios ou ações de indisciplina, incivilidade ou algo mais sério que deveria ter a intervenção da escola, do docente. Tal fato o levou-o a estudar o problema do *bullying* e cita o texto do Teodoro Adorno que o inspirou durante todo o seu trabalho.

Então nesse ensaio ele coloca a seguinte ideia, não comparando o bullying com nazismo e não cabe aqui como fazer essa comparação, embora a gente pode considerar que muitas das ações praticadas por indivíduos com ego fraco, elas são precursoras da violência nazista. O Adorno ele diz o seguinte né, no texto. Que... o que levou a Alemanha de Hitler praticar o extermínio em massa sem qualquer, sem nenhuma dor na consciência foi a perda da identificação entre os homens (Entrevistado P2).

O entrevistado P2 aponta que um dos objetos de pesquisa analisados para a realização do seu projeto foi o livro de ocorrências, utilizado por professores, coordenadores e a direção. Foram as ocorrências organizadas e analisadas em duas escolas, uma pública e outra privada, da periferia do município de Serra (ES) que deram prosseguimento à sua pesquisa. Entre as ocorrências, encontraram-se relatos como: “O aluno X saiu de sua carteira, passou pelo colega Y e ao passar, deu um soco, ou fez uma careta ou teve alguma atitude obscena e tal”.

Deu um soco exemplifica o *bullying* físico. Martins (2005) classifica os tipos de *bullying* em: direto e físico, que abarca ação de bater ou ameaçar bater, dar pontapés, roubar ou extorquir objeto de terceiros, ameaçar ou forçar comportamento sexuais, ameaçar ou obrigar a fazer serviço contrariado.

Na figura 10 estão representados os dados coletados nos questionários A e B referente ao *bullying* físico (questões 1, 2, 3 e 4).

Figura 10: *Bullying* físico

Fonte: Autoria própria

No Questionário A, 18,1% dos alunos participaram como autores na modalidade *bullying* físico, 29,4%, 35,8% e 6,3% relataram que sofreram, assistiram e denunciaram, respectivamente, cenas de *bullying*. Para o Questionário B, foram detectados os seguintes dados: 3,6% seria capaz de praticar violência física, 18,0% dos participantes não seriam capazes de procurar ajuda ao sofrer algum tipo de violência. Não houve agentes observadores para essa ação e 86,8% seriam capazes de denunciar os autores dessa violência. Portanto, houve uma redução média dos protagonistas de 20,5% e um acréscimo na intenção de denunciar de 80,5%.

Conforme classificação de Lopes Neto (2011), compõe *bullying* físico, ações como empurrar, socar, chutar, beliscar, bater.

No câmpus, houve um caso pontual de *bullying* físico como relatou o entrevistado P6, “Físico já tivemos um caso. Foi um caso isolado de *bullying* físico”.

5.6 BULLYING VERBAL

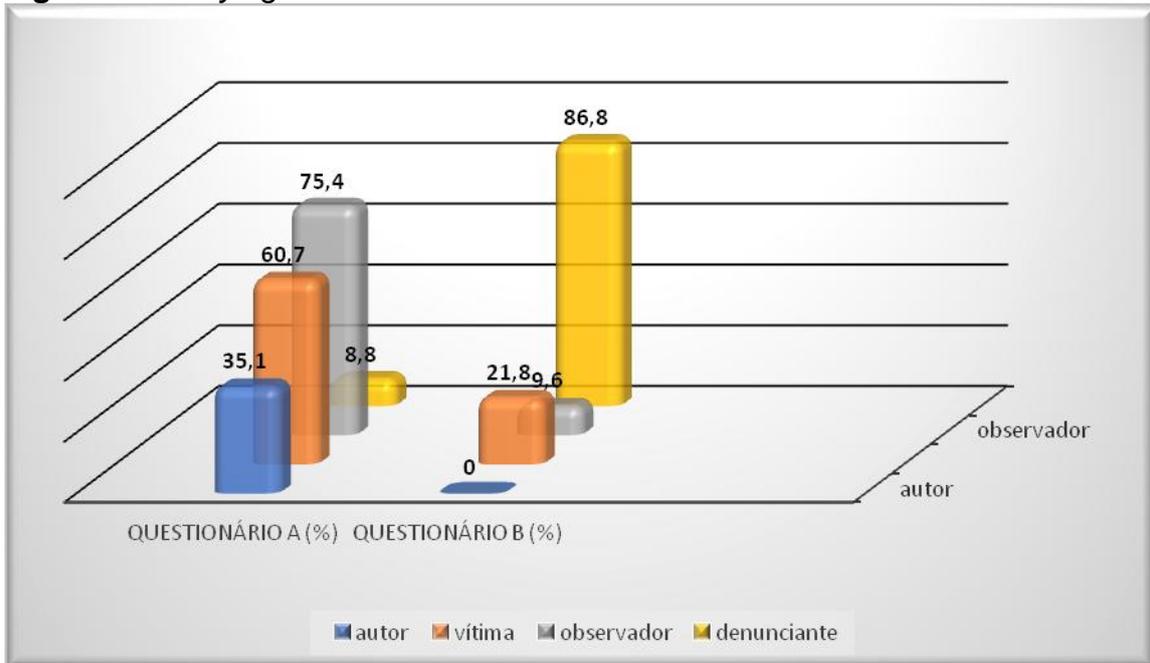
É no ensino médio que a maioria dos maus-tratos acontece de forma disfarçada ou por meio de pequenos ataques abertos (FANTE, 2005). A presente pesquisa identificou que o *bullying* social e o verbal são os mais praticados. Segundo Lopes Neto (2011), o *bullying* verbal são os apelidos, o falar mal, os insultos de uma pessoa ou grupo sobre outra pessoa ou grupos repetitiva e intencionalmente, subjugados pela força dos primeiros.

Conforme dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (2015), 19,8% dos estudantes responderam que já haviam esculachado, zombado, mangado, intimidado ou caçoado de algum de seus colegas nos últimos 30 dias. O percentual de 24,2% coube ao gênero masculino e 15,6% para o feminino. O estado de São Paulo apresentou o maior percentual (24,2%).

Indagado sobre qual tipo de *bullying* é mais frequente para os alunos participantes, a resposta foi imediata

- Entrevistado A22 “antes... antes eu assistia bastante *bullying* físico, mas hoje em dia é mais *bullying* moral e verbal”. De forma semelhante;
- O entrevistado P6 aponta para o “Verbal e Cyberbullying” os tipos de *bullying* mais praticados e acrescenta que “tem alguns casos que eles são quase que diários... né, por exemplo, como os casos de apelidos. Tem alguns alunos que fazem isso diariamente”.

Na figura 11, são apresentados os dados coletados nos questionários A e Questionário B referentes ao *bullying* verbal (questões 5, 6, 7 e 8).

Figura 11: *Bullying* verbal

Fonte: Autoria própria

Os dados coletados a partir das respostas do questionário A revelaram que os autores da agressão verbal totalizaram 35,1%. A incidência de vítimas foi de 60,7% e 75,4% para os observadores. Os denunciante somaram-se 8,8%. Após exibição dos *Podcasts*, os dados coletados obedeceram a seguinte ordem: não houve relatos de pessoas que seriam capazes de praticar o *bullying* verbal, 21,8% dos participantes não seriam capazes de procurar ajuda se sofresse tal agressão e 9,6% não seria capaz de denunciar ao assistir à cena; 86,8% dos participantes seriam capazes de denunciar autores da violência verbal. Houve redução média dos protagonistas de 46,6% e crescimento na intenção de denunciar de 78%.

Comparando a figura 3 com a figura 4, referente ao Questionário A, constatou-se que o percentual dos agentes envolvidos na dinâmica do *bullying* verbal (autor = 35,1%, vítima = 60,7%, observador = 75,4 e denunciante = 8,8%) praticamente duplicaram em relação à física (autor = 18,1%, vítima = 29,4%, observador = 35,8% e denunciante = 6,3%). O resultado vai ao encontro do depoimento do:

- Entrevistado A22 “antes... antes eu assistia bastante *bullying* físico, mas hoje em dia é mais *bullying* moral e verbal”.

- Entrevistado P6 “*Físico já tivemos um caso. Foi um caso isolado de bullying físico*”.

Também temos os seguintes depoimentos:

- Entrevistado A6 “*Eu particularmente, eu vou falar a verdade, eu já apelidei amigos, já coloquei sim apelido, não vou mentir*”;
- Entrevistado A12 afirma “*Eu já sofri bullying porque eu sou branca, tipo muito! Muita gente ficava me zoando por causa disso, ficava me chamando de Leite*”.
- Entrevistado P6 “*tem alguns casos que eles são quase que diários... né, por exemplo, como os casos de apelidos. Tem alguns alunos que fazem isso diariamente*”.

Para Lopes Neto (2007), o apelido corresponde a mais de 50% da totalidade dos atos de *bullying*. Conforme Silva *et al* (2018), pelo fato de agressão verbal ocorrer em maior número, torna mais difícil a sua visualização e o seu combate, uma vez que, para muitos, as verbalizações não caracterizam ofensas tão claras quanto as agressões físicas.

Para reduzir o índice do *bullying* verbal, uma das sugestões apresentadas está no depoimento do:

- Entrevistado A20 “*Então, o que eu acho que deveria ser feito. É integrar mais as pessoas. As pessoas, ainda mais hoje, com tecnologia, elas estão muito separadas, estão muito superficiais, elas não pegam, não se olham nos olhos, não se falam*” e, também do:
- Entrevistado A16 “*Essas atividades de interação que tem aqui no IFSP, no começo do ano podem facilitar, porque você interage com pessoas que não conhece, e vê as diferenças*”

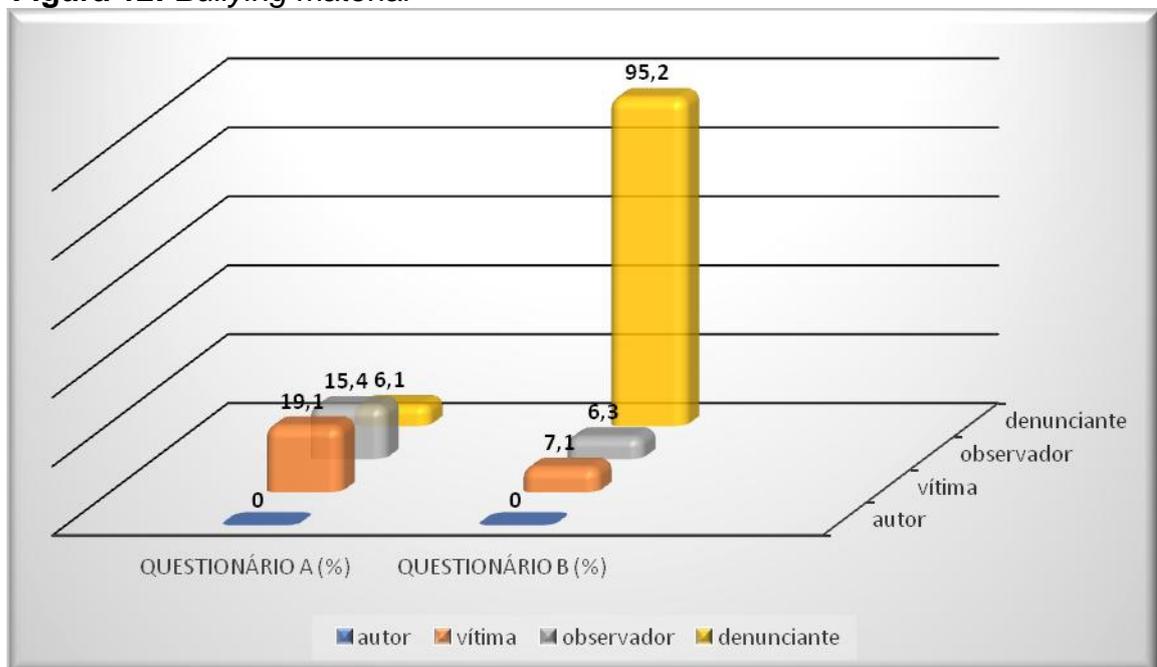
Nesse sentido, os *podcasts* podem ser utilizados como instrumento socializador perante a dinâmica do *bullying*, revelando, assim, o seu princípio educativo. A seguir, prosseguiremos com *bullying* material.

5.7 BULLYING MATERIAL

O *bullying material*, para a Sociedade Brasileira de Pediatria (2017), constitui o ato de destruir, danificar e ou furtar pertences. Para Lima *et al* (2017), observações dos pais como falta de materiais na mochila do filho, materiais rasgados ou danificados, ou, então, reclamações de alunos recebidas pelos professores como: “meu sapato sumiu”, “esconderam meu livro ou caderno” podem ser consideradas *bullying material* se a ocorrência for com certa frequência e com os mesmos alunos.

A figura 12 apresenta os dados referentes aos questionários A e B em relação à dinâmica do *bullying material* (questões 9, 10, 11 e 12).

Figura 12: *Bullying material*



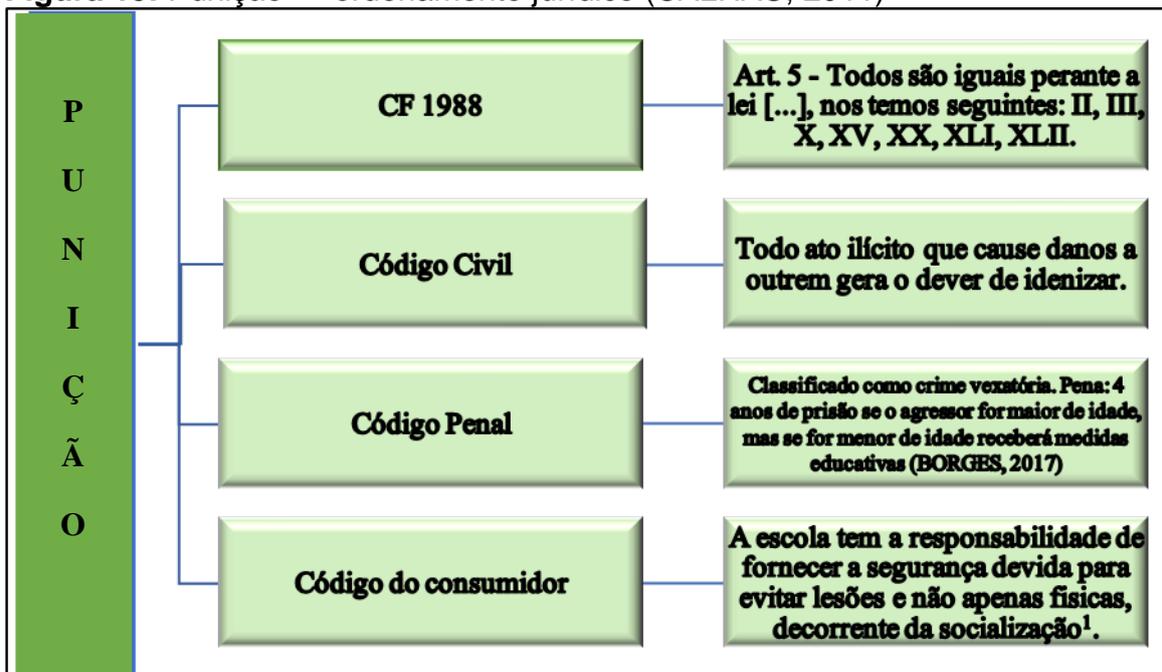
Fonte: Autoria própria

Não houve relatos de alunos que seriam capazes de pegar sem consentimento dinheiro ou destruir pertences do colega em ambos os questionários, porém 19,1% e 15,4% dos entrevistados relataram serem vítimas e observadores respectivamente e 6,1% denunciaram o roubo ou destruição de materiais no Questionário A. Após a exibição dos *Podcasts*, foi constatado que 7,1% dos estudantes participantes da pesquisa não seriam capazes de procurar ajuda se fossem roubados, 6,3% dos participantes não seriam capazes de denunciar cenas de roubo e/ou destruição de material. Em contrapartida, 95,2% seriam capazes de

denunciar o autor do ato. Assim, após exibição dos *Podcasts*, houve uma redução média de 10,5% no índice dos protagonistas e um aumento na taxa de intenção de denunciar de 89,1%.

O *bullying* é proibido pelo ordenamento jurídico brasileiro, pois, além da Constituição Federal de 1988, o Código Civil, o Código Penal e o Código do Consumidor, entre outras leis, determinam a punição da prática do *bullying* pelo Poder Judiciário aos pais ou responsável (CALHAU, 2011).

Figura 13: Punição — ordenamento jurídico (CALHAU, 2011)



Fonte: autoria própria

Conforme Paranaíba e Paranaíba (2016), a prática do *bullying* acarretará a responsabilidade dos pais ou responsáveis legais, que deverão indenizar às vítimas, independentemente de prova de culpa ou dolo, e essa indenização abará os danos materiais e morais sofridos pela vítima.

Portanto, a indenização estende-se também para quem pratica o *bullying* moral.

¹<https://mariaester.jusbrasil.com.br/artigos/220409704/a-responsabilidade-civil-e-o-bullying>

5.8 BULLYING MORAL

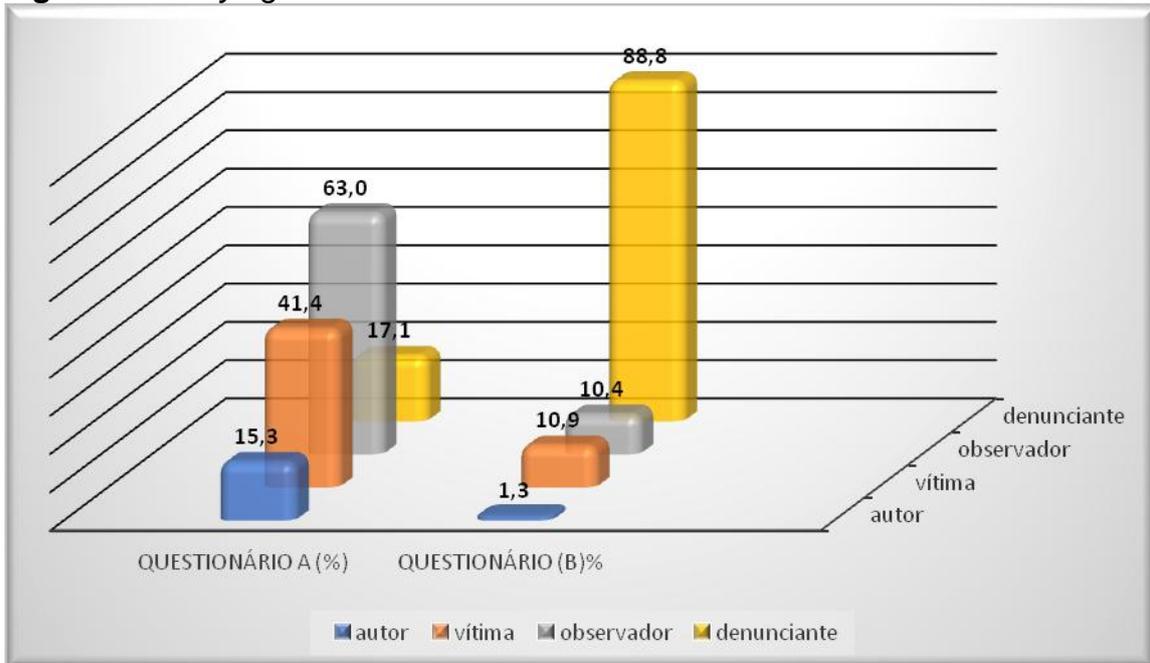
O *bullying* moral, conforme Lei n. 13.185 de 06/11/2015, é um tipo de *bullying* que se manifesta quando ocorrem as difamações, calúnias ou disseminação de rumores. Conforme Barbosa (2015), o dano moral é o direito personalíssimo que foi violado, e a reparação deverá levar em conta o caráter dúplice: compensar a vítima, no sentido de amenizar sua dor, e, punir o ofensor, para que o desestimule a praticar conduta semelhante, e relata que a responsabilidade pela prática do *bullying* poderá recair sobre os pais e sobre a escola. Para Borges (2017), o Código Penal poderá tipificar a prática do *bullying* como crime, desde que fique comprovado que houve sofrimento à vítima; o crime será classificado como intimidação vexatória, resultando em quatro anos de prisão se o agressor for maior de idade e, se for menor de idade, o *bullying* será considerado ato infracional e o agente receberá medidas educativas.

Trata-se de uma violência de difícil percepção e a disseminação ocorre sutilmente, como relatado por Pigozi e Machado (2015) e comentado pelo

- Entrevistado A9 “*Muito, muito não né, mas as vezes a gente vê, nos corredores, alguém falando alguma coisa de uma pessoa que, às vezes, nem conhece, coisas assim*”.

A figura 14 apresenta os dados dos questionários A e B relativos à dinâmica do *bullying* moral (questões 13, 14, 15 e 16).

Figura 14: *Bullying* moral



Fonte: Autoria própria

No que se refere ao Questionário A, 15,3% praticou o ato de difamar, caluniar e ou espalhar boatos de colegas, 41,4%, relatou ser vítima de atos, 63,0% assistiu a atos e 17,1% dos participantes denunciaram a ação.

No Questionário B, foram obtidos os seguintes índices: 1,3% seria capaz de praticar a ação, 10,9% seria capaz de não procurar ajuda se sofresse a ação, 10,4% dos participantes seriam capazes de não intervir no acontecimento e 88,8% seria capaz de denunciar. Após a exibição dos *Podcasts*, houve uma redução média de 32,3% no índice dos protagonistas e crescimento na intenção de denunciar de 71,7%.

Difamar, excluir, oprimir a vítima é a prática do *bullying* indireto adotadas pelas meninas, informa Lopes Neto (2011) e acrescenta que é uma agressão implícita que dificulta a sua identificação. Fato semelhante acontece com o *bullying* social.

5.9 BULLYING SOCIAL (IGNORAR)

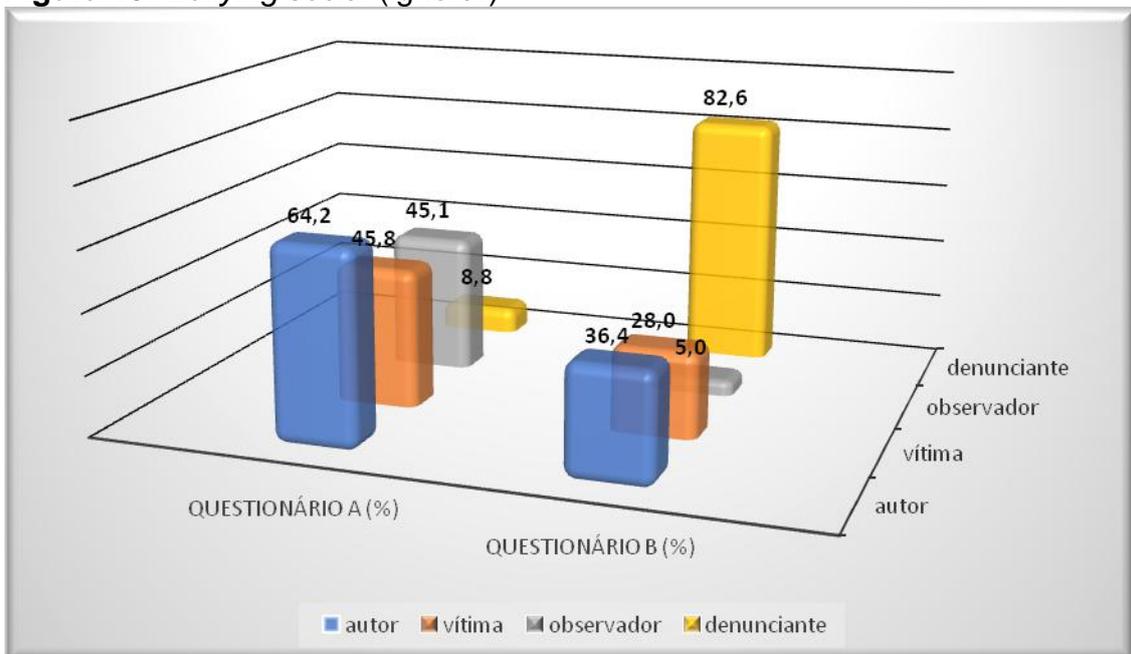
Outro tipo de *bullying* igualmente difícil na sua percepção e muito frequente no ambiente escolar é o social. A pesquisa registrou o seu maior índice para essa

modalidade. Segundo a Lei Federal 13.185, de 06/11/2015, o *bullying* social se refere às ações de ignorar, isolar e excluir. Esse tipo de *bullying* foi verificado no ambiente da escola, conforme entrevistado A41:

A partir de então fiquei bem excluído de toda a sala, para todos os tipos de atividade. No começo eu nem ligava, tentei levar como algo normal, mas com o tempo fui ficando cada vez mais magoado pois recebi diversos apelidos de mau gosto (entrevistado A41).

De acordo com Simmons (2004), o *bullying* social é uma violência velada, as garotas, para evitar a censura dos adultos, disfarçam-se de garotas comportadas e agredem as colegas com olhares, disfarces, indiferenças e saem silenciosamente pelos corredores da escola como se nada tivesse acontecido. A figura 15 apresenta os dados relativos aos questionários A e B referentes à dinâmica do *bullying* social (questões 17, 18, 19 e 20).

Figura 15: *Bullying* social (ignorar)



Fonte: Autoria própria

Nesse grupo, 64,2% dos estudantes praticaram *bullying* psicológico na categoria ignorar o outro, 45,8% foram vítimas, 45,1% observadores e 8,8% denunciaram a violência. O maior percentual de autor da pesquisa foi apresentado nessa modalidade. Após a exibição dos *Podcasts*, o questionário B apresentou os seguintes dados: 36,4% seria capaz de praticar a ação de ignorar, 28,0% dos

participantes não seriam capazes de procurar ajuda caso sofressem essa violência, 5,0% seria capaz de assistir a cena de *bullying* passivamente e 82,6% seria capaz de denunciar caso presenciassem cenas de *bullying* nessa modalidade.

Foi possível constatar que houve uma redução significativa dos autores e vítimas, embora o percentual de autores prevalecesse maior em relação às vítimas. Quanto aos observadores, houve um declínio em relação ao questionário A. É provável que muitos dos observadores pertencentes ao questionário A sejam os denunciadores apresentados no questionário B.

Para denunciar, é preciso constatar. Ignorar, dar um “gelo” são atos de difícil identificação e Lopes Neto (2011, p. 25) adverte “É consenso que os atos de violência, sejam elas quais forem, se praticadas com frequência, apresenta uma característica evolutiva, em que os níveis de agressividade e gravidade são crescentes e persistentes”. Portanto, urgência na identificação e no combate se fazem necessários.

Tanto em relação às vítimas quanto aos observadores, foi constatado uma configuração atípica. Normalmente, os autores apresentam-se em menor quantidade em relação às vítimas e estes em menor número em relação aos observadores. Nesse contexto, há um desvio na curva padrão e uma das justificativas podemos encontrar na explicação do entrevistado P2:

[...] a vítima típica reage chorando, a vítima provocadora para não se passar por tolo ele começa a provocar também e a vítima agressora para compensar a dor sofrida pela agressão, passa a agredir determinados colegas (Entrevistado P2).

Determinados alunos que supostamente seriam vítimas provocadoras ou vítimas agressoras, posicionam-se como autores, como pode-se constatar nos depoimentos do:

- Entrevistado A12 “Ao mesmo tempo que você pensa que tá (sic) sofrendo *bullying*, pra você dar o troco naquilo, eu não procurei ninguém pra falar que eu estava sofrendo *bullying*, eu comecei simplesmente a fazer aquilo com a pessoa”;
- Entrevistado A20 “Eu cheguei a atacar algumas pessoas em questão disso sabe. Então, quando eu era mais para realidade eu também retrucava em outras pessoas”.

- Entrevistado A31 mencionou que “*ela tinha uma personalidade de ficar retribuindo né. E aí, isso só atinava mais quem tava (sic) praticando bullying e isso virava um ciclo contínuo*”. Esse depoimento coincide com o argumento do entrevistado P2, ao afirmar que:

Isso contribui para aumentar os casos de bullying, fazendo valer o velho ditado popular: Bateu levou; Tudo que vai, tem volta, transformando o bullying numa ação ainda mais problemática e devastadora, sobretudo no ambiente escolar (entrevistado P2).

Em relação aos observadores, nota-se a presença de uma configuração fora da normalidade. Geralmente, a população de observadores atinge proporções maiores que as das vítimas, fato este que é confirmado pelo entrevistado P1, quando expressa que

- Entrevistado P1 “*Esses estudantes que são a maioria, em geral nós temos 85% dos estudantes observando ou testemunhando situação de bullying nas escolas*”.

Nesta pesquisa, a porcentagem de observadores (45,1%) praticamente se iguala com a de vítimas (45,8%). A baixa porcentagem dos observadores pode ser justificada pela própria característica dessa violência que está oculta no comportamento dos autores, portanto, muitas vezes invisível aos olhos de terceiros, como observado na declaração de Simmons (2004): diferentemente dos meninos que provocam o *bullying* aos conhecidos ou estranhos, as meninas agem dentro do seu ciclo de amigas, tornando a agressão difícil de identificar, conseqüentemente ocasionando graves danos.

A seguir outro tipo de *bullying* de difícil visualização, o psicológico.

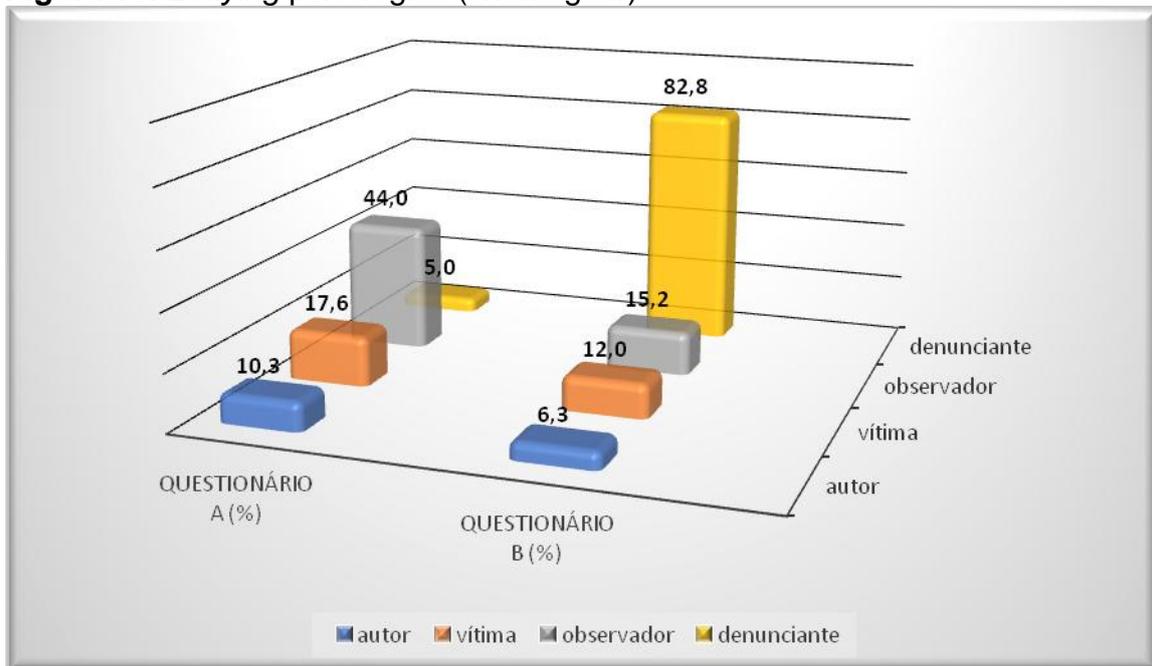
5.10 BULLYING PSICOLÓGICO (CHANTAGEAR)

Foi pesquisado o *bullying* psicológico na modalidade chantagear. Chantagem, conforme Código Penal — Decreto Lei 2848 de 07 de dezembro de 1940, art. 158 — — Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, e com o intuito de obter para si ou para outrem indevida vantagem econômica, a fazer, tolerar que se

faça ou deixar de fazer alguma coisa. Reclusão de 4 a 10 anos e multa (BRASIL, 1940).

A figura 16 apresenta os dados dos questionários A e B referentes ao *bullying* psicológico — chantagear (questões 21, 22, 23 e 24).

Figura 16: *Bullying* psicológico (chantagear)



Fonte: Autoria própria

Por meio do Questionário A, a pesquisa mostrou que 10,3% participou como autores da chantagem, 17,6% como vítimas e 44,0% como observadores. Os denunciante, somaram-se 5,0%. Após a exibição dos *Podcasts*, 6,3% dos participantes seriam capazes de praticar chantagem, 12,0% seria capaz de não procurar ajuda se fosse vítima e 15,2% seria capaz de assistir cenas de chantagem sem denunciar. A maioria dos entrevistados, 82,8%, seria capaz de denunciar cenas de chantagem. Após a exibição dos *Podcasts*, houve uma redução média de 12,8% no índice dos protagonistas e aumento na intenção de denunciar de 77,8%.

Outro tipo de *bullying* que merece destaque é o *bullying* sexual, discutido a seguir.

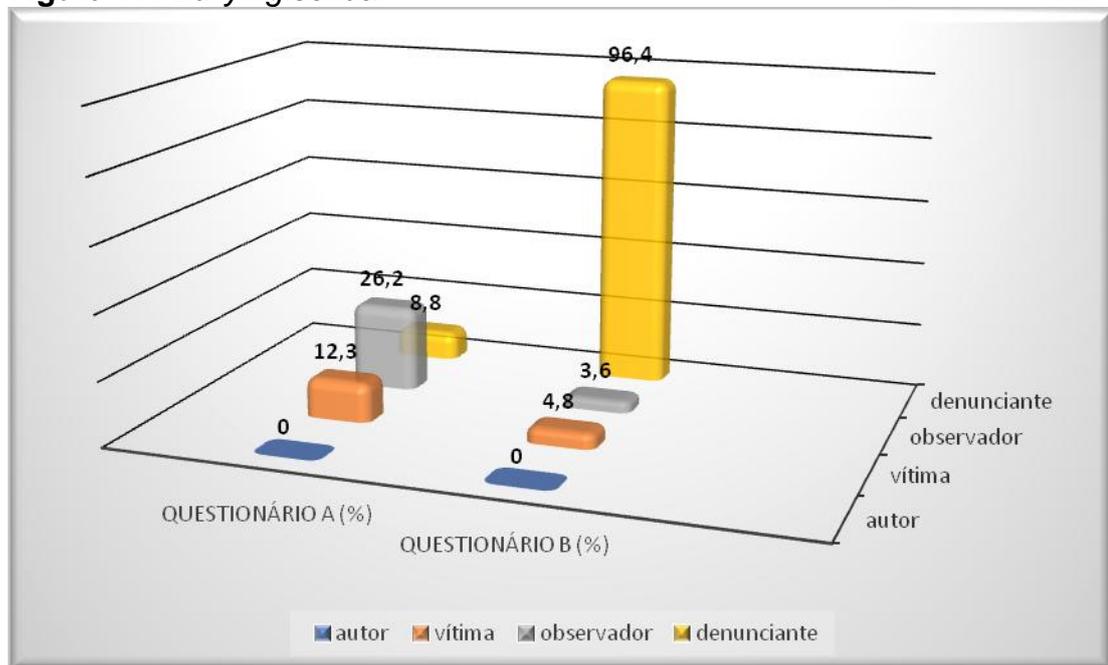
5.11 BULLYING SEXUAL

Conforme Villela (2016), o *bullying* sexual nas escolas está ocorrendo de forma cada vez mais frequente por ser pouco reconhecido em razão de tabus sociais e da natureza peculiar no tipo de violência.

Em relação a essa violência, Abramovay e Rua (2002) incluem ao assédio sexual diversas formas de intimidação sexual como os olhares, gestos, piadas, comentários obscenos, exhibições; bem como de abusos ocasionados pelas propostas, insinuações, contatos físicos, fofocas, frases, entre outros.

A figura 17 apresenta os dados relativos aos questionários A e B referentes ao *bullying* sexual (questões 25, 26, 27 e 28).

Figura 17: *Bullying* sexual



Fonte: Autoria própria

Nesse grupo, não houve quem praticasse o assédio sexual, tanto no Questionário A quanto no Questionário B, mas 12,3% dos entrevistados sofreram assédio sexual e a taxa de quem assistiu ficou em 26,2%. A prática do assédio foi denunciada por 8,8% dos participantes que responderam o Questionário A. No Questionário B, 4,8% dos estudantes relataram que seriam capazes de não procurar ajuda se fossem assediados. 3,6% da população pesquisada seria capaz de não denunciar se assistissem o *bullying* sexual, mas 96,4% seria capaz de denunciar o

praticante do assédio sexual. Após a exibição dos *Podcasts*, houve uma redução média de protagonistas de 15,0% e crescimento na intenção de denunciar de 87,6%.

O índice de 96,4% foi o maior índice de denunciante alcançado nesta pesquisa. Pode ter tido a influência da mídia, devido a frequência com que essas notícias são veiculadas nos diferentes meios de comunicação atualmente.

5.12 BULLYING POR INTOLERÂNCIA À DIVERSIDADE

Embora a educação e a aprendizagem tenham prioridade no ambiente escolar, é também local em que o preconceito e a discriminação estão presentes, como pode ser observado na explanação do entrevistado P1:

Muitas vezes os estudantes selecionam aleatoriamente um estudante, seja pelas suas características ou por algo que chama atenção nesse estudante, um jeito de ser, um acessório que esse estudante utiliza, como os óculos, aquele estudante que é mais gordinho, os estudantes que possuem outra orientação sexual que não é a heterossexual, estudantes que possuem uma cor da pele diferente da maioria do contexto no qual está inserido, por exemplo os estudantes negros. Essas características acabam diferindo os estudantes, elas são consideradas como estopim, algo que provoca a ocorrência do bullying nas nossas escolas. Essa é uma das explicações que nós temos (entrevistado P1).

O *bullying* relacionado à intolerância por diversidade apareceu com frequência nas entrevistas como pode-se observar:

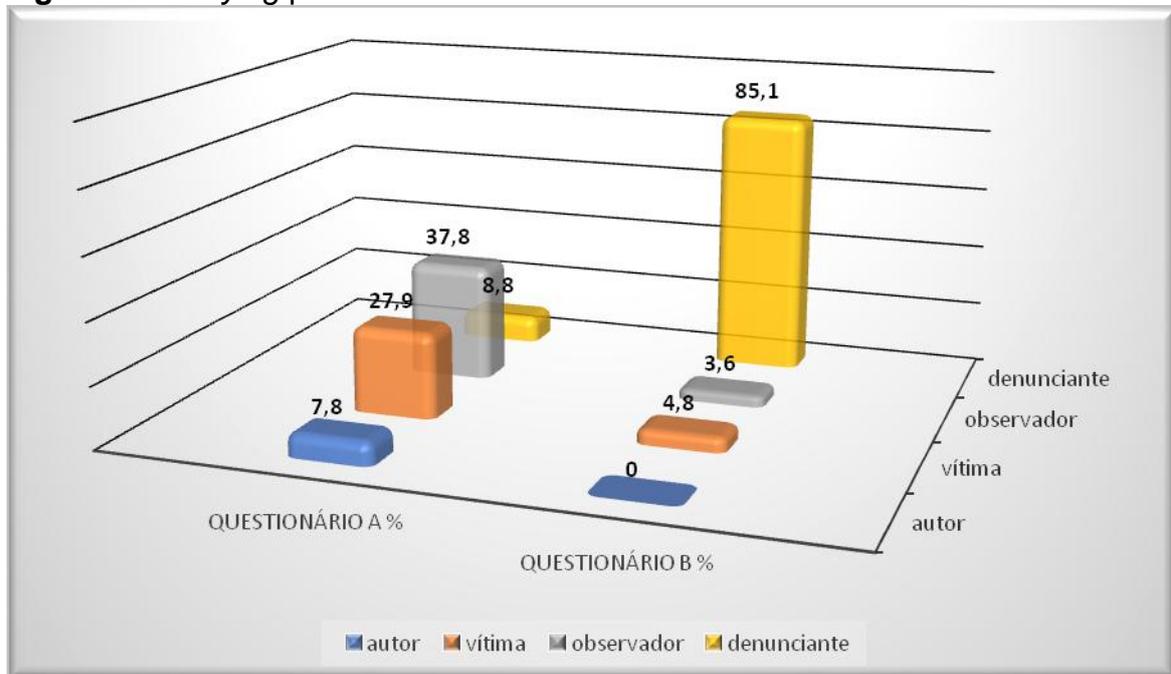
- Entrevistado A13 “o *bullying* pode ser provocado através das diferenças que há entre uma pessoa e outra, sendo elas raça/etnia, características físicas”;
- Entrevistado A6 “o *bullying* pode ser provocado pelas diferenças raciais, econômicas entre outras”;
- Entrevistado A25 “Um amigo meu sofreu *bullying* por ele andar sempre com as meninas e algum jeito de andar outro, os meninos acabavam falando muitas coisas pra (sic) ele como gordinho veado”.
- Entrevistado A19 “as pessoas sempre me provocavam me chamando de burra, porque eu sou surda, eu não tinha intérprete, eu era a única surda lá”, entre outros.

De acordo com Oliveira (2017b)

A escola brasileira carrega em si, portanto, um modelo de ensino despreocupado com a capacidade do professor de ministrar aulas em local onde há tantas diferenças raciais, culturais, isso acontece em decorrência de um ensino elitista e europeu, fugindo totalmente da realidade do país. As consequências dessa educação nas escolas vêm se arrastando há muito tempo e esse é o motivo pelo qual se vê nitidamente, em alguns casos, o preconceito enraizado em uma criança. O aluno se acostuma a certa maneira de receber conhecimento, e esta maneira o faz aceitar e incorporar julgamentos que não compete a ele e a ninguém fazer (OLIVEIRA, 2017b, p. 138).

A figura 18 apresenta os dados referentes aos questionários A e B relativos à intolerância à diversidade (questões 29, 30, 31 e 32).

Figura 18: *Bullying* por intolerância à diversidade



Fonte: Autoria própria

No que diz respeito a intolerância à diversidade, inicialmente constatou que 7,8% praticou essa ação, 27,9% sofreu a prática da ação e 37,8% presenciou o ato. A ação foi denunciada por 8,8% dos entrevistados. Após a exibição dos *Podcasts*, houve uma pequena mudança em relação à configuração do gráfico. Não houve quem tivesse intenção de praticar a ação, porém constatou-se que 4,8% das vítimas seriam capazes de não procurar ajuda se fosse agredida, 3,6% dos observadores seriam capazes de assistir à cena sem denunciar e 85,1% seria capaz de denunciar

a ocorrência se presenciasse casos de *bullying* relacionados à intolerância à diversidade.

Houve uma redução média no índice dos protagonistas em 21,7% e crescimento na intenção de denunciar de 76,3%.

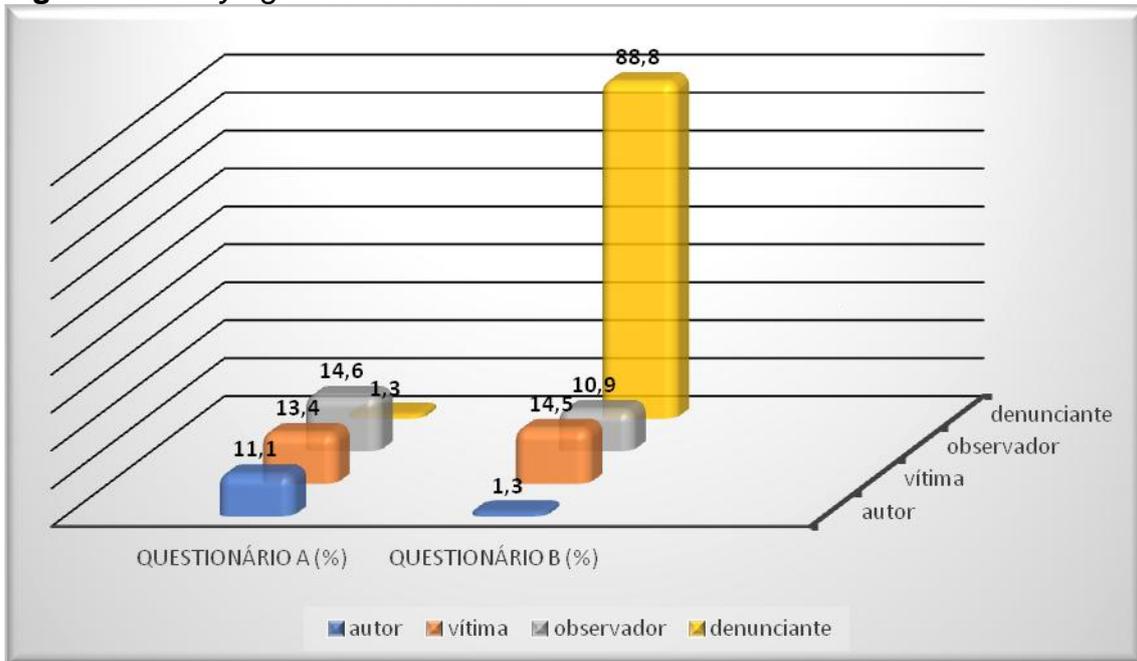
Um denominador comum a todos os tipos de *bullying* apresentados são as altas taxas de denunciadores apontados, acima de 80%, após exibição dos *Podcasts*. Esse fato pode ser atribuído à empatia despertada nos participantes após assistir os *Podcasts*.

5.13 BULLYING ATRELADO À ESCOLHA DO CURSO

Estudantes que escolhem cursos que supostamente são destinados a um dos sexos enfrentam dificuldades exclusivamente por pertencer a outro sexo e citam exemplos, tais como: mulheres não têm condições físicas e intelectuais para acompanhar um curso tão difícil; mulheres não são dotadas de habilidades intelectuais como o raciocínio abstrato, objetividade, entre outros (CASA GRANDE; SOUZA, 2015).

O preconceito está inserido também no contexto escolar, manifestando-se ao entrar em contato com algo considerado diferente, não familiar e torna-se um problema quando indivíduos ou grupos são tratados de forma pejorativa porque pertencem à determinada classe social, racial, gênero, entre outros e quando o preconceito se refere a valores adotados pelo grupo como referência é chamado de etnocentrismo (OLIVEIRA, 2017b).

A figura 19 apresenta os dados relativos aos questionários A e B referentes ao *bullying* atrelado à escolha do curso (questões 33, 34, 35 e 36).

Figura 19: *Bullying* escolha do curso

Fonte: autoria própria

A prática da violência atrelada à escolha do curso está relacionada à proposta da pesquisa. Sendo assim, foi possível constatar por meio do Questionário A que 11,1% dos alunos praticaram e outros 13,4% sofreram *bullying* por causa da escolha do curso. O ato foi assistido por 14,6% e a denúncia foi feita por 1,3% dos alunos questionados. Após exibição dos *Podcasts*, o Questionário B apresentou as seguintes respostas: 1,3% dos alunos seriam capazes de praticar *bullying* devido à escolha do curso e 14,5% seria capaz de não pedir ajuda se sofresse o *bullying* por escolha de curso, 10,9% dos participantes seriam capazes de assistir ao ato e não denunciar e 88,8% seria capaz de denunciar o agressor. Houve uma redução na média do índice dos protagonistas em 4,1% e crescimento na intenção de denunciar de 87,5%.

O EMI no Câmpus São Carlos é composto por cursos que foram criados recentemente, como expressa o

- Entrevistado P5, “o ensino médio é novo, a gente teve a segunda turma do ensino médio agora, né. A gente não tem muitos casos de evasão, por enquanto, no nosso contexto”.

Embora a criação do curso seja recente, foi possível constatar expressões como:

- Entrevistado A17 *“Eu acho que existe, porque tem muitos cursos que acabam sendo diminuídos. As pessoas acham que esse tipo de curso não vai levar a lugar nenhum, que não presta pra (sic) nada”;*
- Entrevistado A13 *“Algumas pessoas acham que o curso que estão fazendo são melhores do que os outros”;*
- Entrevistado A41 *“Tem muitas barreiras sociais como, computação é para homens ou cozinhar é para mulheres, então muitos podem fazer bullying sobre qualquer curso”;*
- Entrevistado A42 *“as pessoas nunca aceitam a escolha do próximo, por exemplo, quem cursa computação é tudo nerd, não tem vida social”;*
- Entrevistado A9 *“pode haver bullying, por exemplo, em um curso que é considerado para mulheres e se um homem fizer, será zoadado”.*

Esses depoimentos vão ao encontro dos de Casagrande e Souza (2015), que relatam que a violência simbólica se manifesta no meio estudantil de diversas formas, destacam a questão da sexualidade, da aparência física, as supostas diferenças cognitivas entre homens e mulheres, a questão salarial da futura carreira e a postura dos professores e professoras.

Indagado ao setor sociopedagógico se a evasão escolar está atrelada à escolha do curso, a resposta foi emitida pelo entrevistado P5:

Sim, acho que o principal motivo da evasão que tem, é em relação à escolha do curso. Se a gente teve 10 alunos que evadiram, uma aluna, se tiver que quantificar, foi que os professores declararam que tinha relação com bullying (entrevista do P5)

Mas, não só a do curso pode levar a prática do *bullying* como relata,

- Entrevistado A3 *“sim, porque se o agressor quer atingir a vítima ele usará qualquer fator em seu favor, inclusive o curso e se for em uma área que a vítima gosta, isso a afetará ainda mais”.*

5.14 PUNIÇÃO

Foi possível constatar na pesquisa que mesmo após a exibição dos *podcasts*, uma parcela dos alunos que participaram não seria capaz de procurar ajuda se sofressem algum tipo de agressão. A seguir, o índice de alunos que não seriam capazes de procurar ajuda se fossem vítimas de *bullying*.

Figura 20: Após a exibição dos *Podcasts* — vítimas

Físico	Verbal	Material	Moral	Social	Psicológico	Sexual	Intolerância	escolha curso
•18,0%	•21,8%	•7,1%	•10,9%	•28,0%	•12,0%	•4,8%	•4,8%	•14,5%

Fonte: Autoria própria

A resposta pode estar nos depoimentos:

- Entrevistado A12 “*Só que nós não procuramos alguém pra (sic) nos ajudar porque eles não fazem nada. Se eu chegar e falar isso, eles vão levar para a psicóloga a pessoa que ofendeu você e ai eles vão tentar conversar, só que conversar não adianta*”;
- Entrevistado A42 “*se você vai lá, dá um papel para sua mãe assinar ou liga para sua mãe, não vai parar. Porque se a sua mãe falar para você parar, não vai adiantar nada, a pessoa vai continuar*”;
- Entrevistado A8 “*nenhuma pessoa pode ajudar, porque... eu sofri e ninguém fez nada a respeito, ninguém me ajudou*”.

Para alguns alunos, a incidência de *bullying* tende a diminuir se penalizar o autor por meio de punições. Diante do quadro, outra questão foi suscitada. Se os alunos deveriam receber punições a partir da gravidade dos seus atos com a finalidade de reduzir o índice da intimidação. Para o entrevistado P5:

Pra (sic) mim a punição é um assunto bem complexo, eu acho que quem pratica bullying tá (sic) dando alguma coisa. Então, a punição por si só, pra (sic) mim ela não é solução para problemas relacionados, nem ao bullying nem a qualquer outra ação, principalmente se envolve adolescência. Em alguns casos os alunos estão pedindo limite, então quando eles pedem

esse limite, eles pedem que a gente dê uma devolutiva. Então acho que nesta devolutiva as sanções elas são eficazes, mas não como medida única, né. Se você dá uma suspensão de três dias para o aluno, não resolve o problema, pode intensificar né. Pode ser uma devolutiva, mas uma devolutiva que venha com trabalho contínuo né, com projeto que envolva o aluno, a sala, os pais e muitas vezes a gente percebe que ele está tentando verbalizar uma coisa que é, alguma coisa muito importante pra (sic) ele (entrevistado P5).

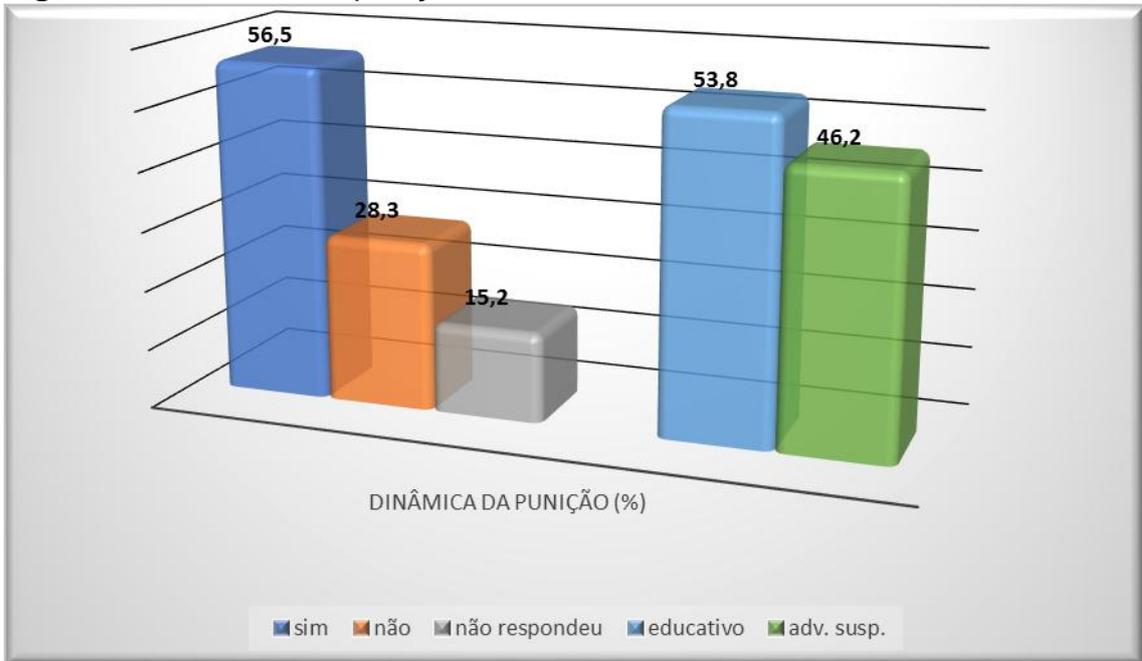
Para o entrevistado P3, a ação é analisada entre várias coordenações e setores. É uma ação conjunta que envolve a família para entender o contexto e as ações a serem tomadas e acrescenta:

Normalmente tem que ser analisado caso a caso, o que foi que correu, para ver as ações que podem ser tomadas. Mas acredito que o principal de tudo é o diálogo. É tentar entender, conversar. Se preciso, tomar as sanções punitivas previstas no regimento e ver as consequências que foram geradas. Enfim, as decisões são tomadas para cada caso, cada situação (entrevistado P3).

O entrevistado P4, com atuação na área da saúde, defende uma abordagem grupal, com trabalhos coletivos para promover a reflexão e a mudança do comportamento e expressa que:

A temática do bullying ela é extremamente importante na abordagem junto às escolas, aos estudantes, ao contexto escolar na medida em que ela faz parte de um dos elementos e componentes fundamentais do programa saúde na escola. [...] Eu não consigo ver uma dicotomia e um distanciamento entre: trabalhar as questões de prevenção, de educação para o bullying, sem pensar nas questões com cuidado em saúde. Isso pra (sic) mim é fundamental. Eu cuido na medida que educo e educando eu estou cuidando. Então pra (sic) saúde é fundamental esse tema na agenda da saúde, na agenda da saúde pública e conseqüentemente na saúde escolar (entrevistado P4).

A figura 21 apresenta os dados relativos aos questionários A e B referentes à dinâmica da punição (questão 40).

Figura 21: Dinâmica da punição

Fonte: Autoria própria

No total de 46 alunos, 56,5% se mostrou favorável à aplicação da punição, 28,3% contra e 15,2% não respondeu. Dos participantes que foram favoráveis à punição, 53,8% optou por algum tipo de punição educativa e 46,2% respondeu que aplicaria punição do tipo advertência, suspensão e culminando em expulsão, conforme evidenciado nos depoimentos:

- Entrevistado A3 “[...]. Depois, se o aluno continuasse, começaria a punir com advertência, suspensão e, se necessário, expulsão para que ele não fizesse mais mal aos outros alunos [...]”;
- Entrevistado A4 “depende, chamaria os pais caso a conversa com os responsáveis não tenha funcionado [sic] ou expulsaria ele [sic] da escola”;
- Entrevistado A24 “Sim, expulsões (sic)”;
- Entrevistado A43 “Sim, dependendo do grau do bullying aplicaria uma punição, como por exemplo mandar a pessoa para um lugar para refletir do (sic) seus atos ou em um caso mais grave ir preso por algum tempo”;
- Entrevistado A10 “Sim, trabalho voluntário, expulsão (em casos mais graves), suspensão, palestras insentivadoras (sic).”

Das 53,8% da população que optou pela punição educativa, relacionamos:

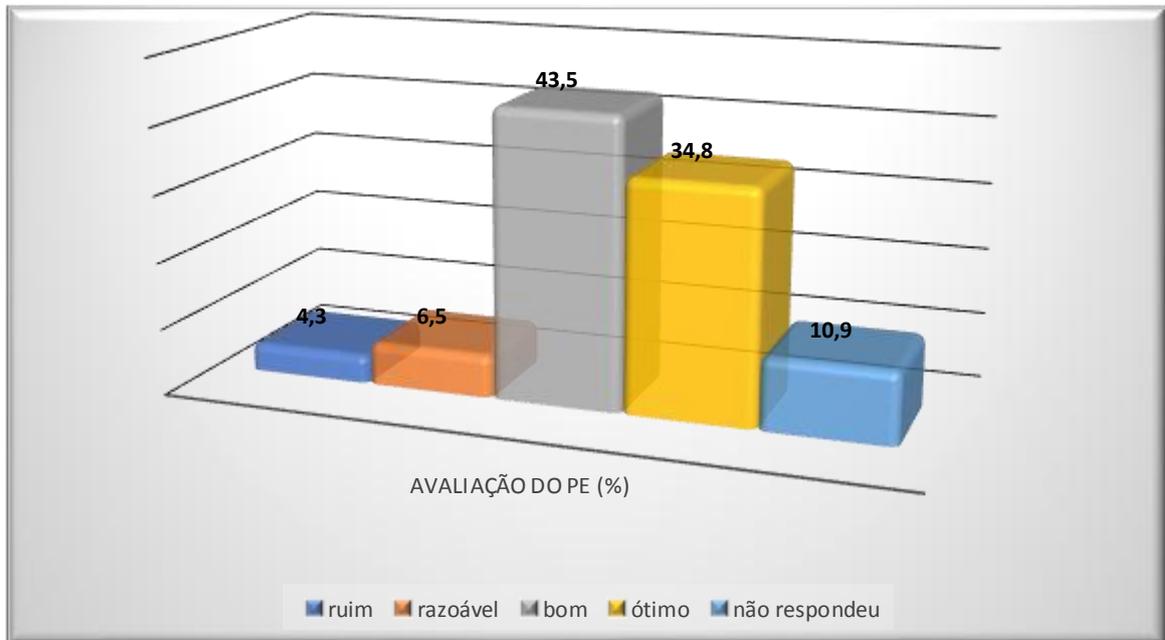
- Entrevistado A7 “*Sim, eu sou. Eu aplicaria ao agressor que ele desenvolvesse uma palestra e apresentasse à escola e mediante ao ato praticado (sic), pois dessa maneira o agressor ficaria com vergonha do que ele mesmo praticou*”;
- Entrevistado A29 “*Sou a favor de algumas punições, sem ser as físicas e as que são sem sentido. Fazer uma pesquisa eu acho uma boa ‘punição’, principalmente se tiver relação com o problema, pois o aluno fica mais ciente do assunto*”;
- Entrevistado A32 “*Uma punição reflexiva, fazendo ela (sic) assistir uma palestra e escrevendo (sic) um resumo sobre, ou sobre livro, ou fazendo ela (sic) desenvolver um texto/dissertação sobre o assunto*”.

Para as punições educativas mencionadas pelos entrevistados A7, A29 e A32, uma das sugestões seria a elaboração e a produção do *Podcast* ou algo semelhante ao do PE, estabelecendo assim o princípio da omnilateralidade.

5.15 AVALIAÇÃO DOS *PODCASTS* PELOS ALUNOS PROTAGONISTAS DA PESQUISA

Para Almeida (2003) o *podcast* abarca ambientes computacionais que permitem integrar mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções, tendo em vista alcançar determinados objetivos.

A figura 22 apresenta os dados relativos à avaliação dos *Podcasts* do ponto de vista dos estudantes (anexo F).

Figura 22: Avaliação dos *Podcasts* pelos estudantes

Fonte: Autoria própria

Um pouco mais da metade dos participantes (52,2%) não conhecia a ferramenta *Podcast* e em igual quantidade (52,2%) manifestou o desejo de participar da produção de um novo *Podcast*. Uma parcela de 67,4% respondeu que utilizaria um *Podcast* para elaboração de trabalhos acadêmicos e 78,3% utilizaria o mesmo *Podcast* para outras disciplinas. Os *Podcasts* foram avaliados como bom em 43,5% e ótimo em 34,8%. Entre os aspectos positivos, relatados pelos participantes, destacam os depoimentos:

- Entrevistado A32 “*Não mostra o rosto de ninguém assim mais pessoas ficam com vontade de participar; e outro ponto positivo é que teve vários relatos*”;
- Entrevistado A38 “*Dentre os pontos positivos destacam-se a maneira de sensibilização das pessoas, que por meio do Podcast apresenta-se uma maneira diferente e mais abrangente*”;
- Entrevistado A39 “*fácil de compreender a mensagem, forma diferente de fazer um trabalho*”.

Os aspectos negativos são citados por:

- Entrevistado A15 “*dificuldade de entender algumas partes*”;

- Entrevistado A22 “*um pouco comprido (pelo menos na minha impressão)*”;
- Entrevistado A45 “*meio confuso*”.

De um modo geral, os *Podcasts* foram bem aceitos, sendo que 78,3% dos estudantes classificaram entre bom e ótimo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo empenhou-se em elaborar um *Podcast* nos termos da concepção do EMI com a temática do *bullying* e apresentar os resultados da sua aplicação, bem como a aceitação pelos alunos do EMI do Câmpus São Carlos.

O *Podcast* é uma ferramenta digital que pode ser acessado a qualquer hora de qualquer lugar, permite acesso pelo celular, tablet, notebook e computador pessoal; ferramenta digital de fácil manuseio, exigindo apenas noções básica de informática; permite inserir imagens e vídeos ao arquivo de áudio; possibilita diálogo entre os locutores (MOMESSO, YOSHIMOTO, 2016). O som, imagem e movimento proporcionam melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo apresentado (MOMESSO, YOSHIMOTO, 2016) e viabilizou maior facilidade na compreensão da dinâmica do *bullying*.

O estudo demonstrou que os *Podcasts* interferiram na intenção da dinâmica do *bullying*, sensibilizando os autores em relação às consequências da prática do ato; as vítimas, alertando-as da necessidade de solicitar ajuda quando agredidas e os observadores a interferir, denunciando o ato. A sensibilização deu-se principalmente em relação à prática da denúncia, pois houve um crescimento na intenção de denunciar em todas as categorias estudadas.

O *Podcast* foi produzido, pautado nos princípios da concepção do Ensino Médio Integrado, ancorado sob o princípio da omnilateralidade, da politecnia, da escola unitária e do princípio educativo.

O princípio da omnilateralidade foi estabelecido na medida em que o *podcast* assumiu o papel multifuncional e multidimensional. A pesquisa revelou que o produto educacional interferiu no índice de intenção de denunciar e promoveu momentos de reflexão entre os agentes do *bullying*. Tais fatos manifestaram a ação humanizadora do *podcast* e assim o princípio educativo se fez presente. O princípio da politecnia estabeleceu-se no conhecimento científico e tecnológico do *podcast* que permitiu efetuar múltiplas escolhas. Por fim, disponibilizar o *podcast* para comunidade estudantil para conhecimento e discussão em igualdade de condições, permite estabelecer o princípio da escola unitária.

Um dos objetos de pesquisa, a prática do *bullying* atrelada à escolha do curso, está presente no ambiente EPT, embora não se possa afirmar que tal ato seja o causador de evasão escolar, por falta de registros oficiais. Para a instituição, o *bullying* verbal é o mais praticado, porém, para a pesquisa, o *bullying* social foi o salientado.

Em relação aos participantes, são estudantes que gentilmente se prontificaram a colaborar com a pesquisa. São alunos que de alguma forma estavam envolvidos como agentes do *bullying* e dispostos a compartilhar as suas experiências e trouxeram relatos bastante significativos que enriqueceram a pesquisa.

Quanto ao *podcast*, era desconhecido pela metade dos participantes da pesquisa. Nesse sentido, proporcionou-se a aproximação com esses alunos, contribuindo com a popularização da ferramenta. O *podcast* possibilitou a reflexão contextualizada, que despertou a empatia e promoveu a sensibilização dos participantes. Foi preservado o anonimato dos participantes, promovendo, assim, a sua autoconfiança.

Elaborar e produzir *Podcasts* pautados no princípio da concepção do EMI proporcionou bons resultados. Foi avaliado positivamente por 78,3% dos participantes.

O *Podcast* é um importante instrumento no processo de sensibilização dos agentes do *bullying* e contribuiu na intenção da redução da violência escolar. Pode ser utilizado como ferramenta socializadora em atividades escolares e tornar-se um instrumento bastante significativo para a promoção da autoestima e da autoconfiança, principalmente entre as vítimas, por meio da divulgação e socialização de seus trabalhos. O *podcast* pode, também, ser uma ferramenta relevante para conter a agressão do autor, por meio da elaboração e divulgação de seus *podcasts*. Assim o agressor sentir-se-á “famoso” pelo intermédio da edição do *podcast* e não por meio da dinâmica do *bullying*. Em estudos futuros, poder-se-á pensar em um *podcast* interdisciplinar e integrador, por meio de atividades que exijam cooperação mútua para um bom desempenho da equipe.

Por fim notou-se um clima de satisfação e de autoestima nos alunos, no momento da subida dos créditos no final da exibição do *podcast*. É provável que se sentiram parte de um todo, sem os quais a realização deste projeto seria inviável.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília, DF: Unesco. 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf000012579>>. Acesso em: 26 maio 2019.

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagem e contribuições digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, ago. 2001. Disponível em: <http://revistas.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510>. Acesso em: 01 jul. 2019.

BARBOSA, M. E. **A responsabilidade civil e o bullying**. Jusbrasil, 2015. Disponível em: <https://mariaester.jusbrasil.com.br/artigos/220409704/a-responsabilidade-civil-e-o-bullying>. Acesso em: 21 jul. 2019.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese: revista eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1/3, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 18 jun. 2019.

BORGES, C. P. **Bullying escolar e o dever de indenizar**. Jusbrasil, 2017. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/422146422/bullying-escolar-e-o-dever-de-indenizar>. Acesso em: 04 jul. 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 39ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

BRASIL. **Decreto-lei n. 2848**, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Brasília, DF: Presidência da República. 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm. Acesso em: 01 jul. 2019

BRASIL. **Lei 13.185 de 06 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 18 set. 2018.

BRASIL. **Lei 13.431 de 04 de abril de 2017**. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13431.htm. Acesso em: 27 jan. 2019.

BRASIL. **Lei 13.663 de 14 de maio de 2018**. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília: Presidência da República. 2018. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/577861349/lei-13663-18>. Acesso em 18 out. 2018.

BRASIL. **Lei 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Brasília: Presidência da República. 1990. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. **Pesquisa nacional de saúde escolar**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 08 abr.2019.

CALHAU, L. B. **Bullying o que você precisa saber**. 3. ed. Niterói: Ímpetus, 2011.

CARAMEZ, Luiz. **Que papo é esse: Bullying**. [s.d]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KKShIZAYF4I>. Acesso em: 01 ago. 2018.

CARVALHO, A. A. Podcast na Educação: diálogos e experiências. *In*: MOMESSO, *et al.* (org.). **Educar com podcasts e audiobooks**. Porto Alegre: Cirkula, 2016.

CASAGRANDE, L. S.; SOUZA, A. M. F. L. Violência simbólica de gênero em duas universidades brasileiras. *In*: WANZINACK, C.; SIGNORELLI, M. C. (org.) **Violência, Gênero e Diversidade: desafio para a educação e o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Autografia, p. 79-107, 2015. p. 79–107. Disponível em: http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/10/livro_violencia_genero_e_diversidade.pdf. Acesso em: 10 jul. 2019.

CHARLOT, B. A violência na escola: como sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 4, n. 8, p.432-443, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

CIAVATTA, M. A formação integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Trabalho necessário**, v. 3, n. 03, 2005. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>. Acesso em: 08 abr. 2019.

CIAVATTA, M. O ensino integrado, a politecnicidade e a educação omnilateral. Por que lutamos? **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187-205, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303/6679>. Acesso em: 18 abr. 2019.

CIAVATTA, M. Trabalho como Princípio Educativo. **Dicionário da educação do profissional da saúde**. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde

Joaquim Venâncio. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/trapriedu.html>. Acesso em: 02 ago. 2019.

CIRIACO, D. **O que é e como usar o Windows Movie Maker**. Canaltech. 2015. Disponível em: <https://canaltech.com.br/windows/O-que-e-e-como-usar-o-Windows-Movie-Maker/>. Acesso em: 18 abr.2019.

CONSTANTINI, A. **Bullying**: como combatê-lo? São Paulo: Itália Nova, 2004.

DIEGUES, V. M. S. **Educomunicação**: produção e utilização de podcasts na dinamização de uma WebRadio. 2010. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade do Minho, Braga, 2010. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13667/1/Tese.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

DUARTE, E. S.; OLIVEIRA, N. A.; KOGA, A. L. Escola unitária e formação omnilateral: pensando a relação entre o trabalho e a educação, Curitiba. *In*: Reunião Científica Regional da ANPED, 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...] Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. p. 1-15. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo12_EVANDRO-SANTOS-DUARTE-NEIVA-AFONSO-OLIVEIRA-ANA-L%C3%9ACIA-KOGA.pdf. Acesso em: 23 jul. 2019.

EL ANDALOUSSI, K. **Pesquisa-ações**: ciência, desenvolvimento, democracia. São Carlos: EdUFSCar. 2004.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus, 2005.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed. 2008.

FERREIRA, O. M. C.; SILVA JÚNIOR. P. D. **Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: E.P.U., 1986.

FRIGOTO, G. Educação Politécnica. *In*: FRIGOTTO, G. *et al.* (org.). **Dicionário da educação no campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

GONÇALVES, F. G. **Bullying em adolescentes**: validade de constructo do questionário de bullying de Olweus e associação com habilidades sociais. 2015. Tese (Mestrado em Psiquiatria) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/118329/000968220.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 jun. 2018.

HANGUETTE, M. T. F. **Metodologia qualitativa na sociologia**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Disponível em: http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T1-1SF/Canrobert/Medologias_Qualitativas.pdf. Acesso em: 15 jul.2019.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**. o novo ritmo da informação. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

KRUG, E. G. *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: OMS, 2002. Disponível em: <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2019.

LIBRARY, Youtube. **Morning Mandolin (Chris Haugen)**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KqAwAY7V5Ug&feature=youtu.be>. Acesso em: 16 fev. 2019.

LIMA, M. F.; ALMEIDA, J. S.; SILVA, P.D. **Bullying escolar**: existe, mas nem todos querem acreditar. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Pedagogia) – Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra, Serra. 2017. Disponível em: <http://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/1364/1/BULLYING%20ESCOLAR.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2017.

LOPES NETO, A. A. **Bullying saber identificar e como prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LOPES NETO, A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. S164-S172, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: dez.2018.

LOPES NETO, A. Bullying. **Adolescência & Saúde**. Rio de Janeiro, v.4, n.3, p. 51–56, ago. 2007. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=101. Acesso em: 23 maio 2019.

MARTINS, M.J.D. Agressão e vitimização entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. **Revista Análise Psicológica**. Campo Grande, v.23, n. 4, p. 401- 425, out. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v23n4/v23n4a05.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

MIRO, T. **Principais programas para edição de podcast**. Mundo Podcast, 2012. Disponível em: <https://mundopodcast.com.br/podcasteando/principais-programas-para-edicao-podcast/>. Acesso em: 05 abr. 2019.

MIRO, T. **Tutorial**: como criar o seu podcast? Mundo Podcast, 2013. Disponível em: <https://mundopodcast.com.br/podcasteando/tutorial-como-criar-um-podcast/>. Acesso em: 04 abr. 2019.

MOMESSO, M. R.; YOSHIMOTO, E. Das ondas do rádio aos podcasts e audiobooks. *In*: MOMESSO, M. R *et al* (org.). **Educar com podcasts e audiobooks**. Porto Alegre: Cirkula, 2016.

OLIVEIRA, A. F. C. Preconceito na escola. **Revista InterAtividade**. Andradina, v.5, n.1, jan./jun. 2017b. Disponível em: <http://www.firb.br/editora/index.php/interatividade/article/view/219/316>. Acesso em: 26 maio 2019.

OLIVEIRA, W. A. **Relações entre bullying na adolescência e interações familiares**: do singular ao plural. 2017. Tese (Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017a. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-26092017-212918/pt-br.php>. Acesso em: 13 abr. 2019.

OLWEUS, D. School bullying: Development and some important challenges. **Annual Review of Clinical Psychology**, Estados Unidos, v. 9, n. 1, p. 751-780, jan. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Dan_Olweus/publication/234087483_School_Bullying_Development_and_Some_Important_Challenges/links/56b89a3b08ae44bb330d3426/School-Bullying-Development-and-Some-Important-Challenges.pdf. Acesso em: 08 abr. 2019

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **INSPIRE** sete estratégias para pôr fim à violência contra criança. Washington, D. C.: OMS, 2017. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/justice-and-prison-reform/Child-Victims/Executive_Summary_-_Portuguese.pdf. Acesso em: 14 abr. 2019.

PARANAHIBA, Tales A.; PARANAHIBA, Taís A. O uso do ECA no combate ao bullying. **Revista Jurídica do Ministério Público do Paraná**, Curitiba, a. 3, n. 5, p. 373-387, 2016. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/doutrina/educacao/revista_mppr_n05_pg_373_387__bullying.pdf. Acesso em: 07 jul. 2018.

PEREIRA, A. C. S.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a05.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PEREIRA, B. O. et al. Prevenção do bullying no contexto escolar: implementação e avaliação de um programa de intervenção. *In*: PEREIRA, P.; VALE, S.; CARDOSO, A. (ed.). **Livro de Atas do XI Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde (SIEFLAS)**. Porto: Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto, 2015. p. 535-544. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/37683/1/PREVEN%C3%87AO%20BULLYING%20CONT%20ESCOLAR_PEREIRA%20B%20ET%20AL_SIEFLAS2015.pdf. Acesso em: 14 ago. 2018.

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3509-3522, nov. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3509.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200012&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 09 abr. 2019.

PRETTO, N. D. L.; TOSTA, S. P.(org.). **Do meb à web: O rádio na educação**. Belo Horizonte: autêntica, 2010.

PROGRAMA de combate à Intimidação Sistemática, **O Bullying. Projeto define oito tipos de bullying que devem ser evitados na escola**. Produção da Agência Senado, DF. Agência Senado. 2015. 1 vídeo de (2min e 39seg). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2015/06/projeto-define-oito-tipos-de-bullying-que-devem-ser-evitados-na-escola>. Acesso em: 01 ago. 2018.

RAMOS, M. N. Concepção do ensino médio integrado. *In: Seminário da Secretaria de Educação do Estado do Pará. Anais [...] 2008*. Disponível em: <https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integrado-marise-ramos1.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2019.

RAMOS, M. N. Ensino médio integrado: da conceituação à operacionalização. **Caderno de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES**, Vitória, a.11, v. 19, n.39, p. 15-29, jan./jun., 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/10243/7029>. Acesso em: 01 jun. 2019.

RAMOS, M. N. História e política da educação profissional. Coleção **Formação Pedagógica**: Instituto Federal do Paraná, Curitiba, v. 5, p 1-121, 2014. Disponível em: <http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2016/05/Hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

REYZÁBAL, M. V. **A comunicação oral e sua didática**. Bauru: Edusc, 1999.

REZENDE, E. Questionário sobre bullying na escola para imprimir. **Psicoedu**. Disponível em: https://doc-0k-0o-apps-viewer.googleusercontent.com/viewer/secure/pdf/sg5ggqhanakv6l0o5iifr8ec6p3fcnum/rp06u115i51obaat616g0c5ltkkj16ib/1563695175000/lantern/03450903115764350039/ACFrOgCc-nl-yJldbbuqj7y3ateARTv4SyqRbGy3nUGjQ9zF6DYp-ryG-WJyLITthdnVzN4Pqrmfd_hgZXyeOdbXQ5LL-NrtkZoEsBh3-mX-X-05GcME5LftFES-IUvNG3YJDUN8LXX9bll1Cgbe?print=true&nonce=1mqfafcp3ggbm&user=03450903115764350039&hash=21gofi24f0mq05hk8kfb9da4q2li1ngq. Acesso em: 12 jan. 2019.

RUGGI, R. **Texto científico em podcast: uma proposta de uso em curso a distância**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Sistema para Internet) - Instituto Federal de São Paulo, São João da Boa Vista, 2016. Disponível em: <https://sbv.ifsp.edu.br/gipi/files/PDF/33/424bab13284dd90f67867b1711ee30ef1d3e58.PDF>. Acesso em: 14 jul. 2019.

SALMIVALLI, C.; POSKIPARTA, E. Kiva antibullying program: overview of evaluation studies based on a randomized controlled trial and national rollout in Finland. **International Journal of Conflict and Violence**, Bielefeld, v. 6, n. 2, p.294-302, dez. 2012. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/287769483_KiVa_Antibullying_Program_Overview_of_Evaluation_Studies_Based_on_a_Randomized_Controlled_Trial_and_National_Rollout_in_Finland. Acesso em: 08 abr. 2019.

SÃO PAULO. **Decreto-lei nº 51.290**, de 11 de fevereiro de 2010. Regulamenta a Lei nº 14.957, de 16 de julho de 2009, que dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao “bullying” escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas da Educação Básica do Município de São Paulo, e dá outras providências. São Paulo: Câmara Municipal [2010]. Disponível em: <http://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/GatewayCertificaPDF.aspx?notarizacaoID=465e72b2-7fb5-4ecf-8e5e-1b5a4a6173ad>. Acesso em: 30 set. 2018.

SAVIANI, D. O choque teórico da politecnicidade. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 1, n. 1, 131-152, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v1n1/10.pdf>. Acesso em: 12 ago, 2018.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. v.12, n.34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v1n1/10.pdf>. Acesso em: 12 ago, 2018.

SILVA, F. L.; MUZZARDO, F.T.; ZAMARIAM, I.; SILVA, F. A. As violências no ambiente escolar: bullying na percepção de professores e alunos. **Caderno da Pedagogia**, São Carlos, a.12, v. 12, n. 23, p. 34-42, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1176/417>. Acesso em: 02 jul.2019.

SILVA, J. L. et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 2329-2340, jul. 2017. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002702329&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2019.

SIMMONS, R. **A garota fora do jogo**: a cultura oculta da agressão entre meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Saúde Escolar. Bullying. **Guia prático de atualização**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1-8, nov. 2017. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/20032d-GPA_-_Bullying.pdf. Acesso em: 14 nov. 2018.

SOUSA JUNIOR, J. Politecnicidade e onilateralidade em Marx. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n. 5, jan./jun. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9150/6574>. Acesso em: 17 jul. 2018.

SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. **Revista Psicologia da Educação**: Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, São Paulo, n. 10/11, p. 193-215. 2000. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/41414/27906>. Acesso em: 20 jun. 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

UNICEF. **Brasil tem 7ª maior taxa de homicídios de jovens de todo o mundo, aponta ONU**, nov. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-tem-7a-maior-taxa-de-homicidios-de-jovens-de-todo-o-mundo-aponta-unicef/>. Acesso em 02 fev. 2018.

VILLELA, D. C. *Bullying* e lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. **Revista do Ministério Público do RS**. Porto Alegre, n. 16, p. 9-22, set./dez. 2016. Disponível em: https://www.amprs.com.br/public/arquivos/revista_artigo/arquivo_1527186825.pdf. Acesso em: 26 maio 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PEDAGOGA DO SETOR SOCIOPEDAGÓGICO DO IFSP CÂMPUS SÃO CARLOS

1. Numa escala crescente de 0 a 10, qual a frequência do *bullying* na Instituição?
2. O combate ao *bullying* ou a redução no índice da violência escolar faz parte de algum projeto específico da Instituição?
3. Quais as causas da evasão escolar entre os alunos do Instituto Federal — Câmpus São Carlos? Numa escala de zero a 100%, qual a porcentagem referente ao *bullying*?
4. A escolha do curso pode levar a evasão escolar? A causa dessa evasão pode ser o *bullying*? Pode ser quantificado?
5. Quais são os tipos de abordagens feitas pelo Instituto para diminuir ou manter num nível aceitável a prática do *bullying*?
6. O Instituto promove abordagens com a participação do aluno?
7. Quais os tipos de *bullying* mais frequentes no Instituto?
8. A partir da consumação do *bullying*, como o Instituto dá prosseguimento do caso.
9. Como pedagoga, você é favorável à aplicação da punição ao agressor? Você é favorável à premiação dos alunos que interagem para a promoção da paz no ambiente escolar?

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PSICÓLOGA DO SETOR SOCIOPEDAGÓGICO DO IFSP- SÃO CARLOS

1. Por que os adolescentes sentem a necessidade de praticar *bullying*?
2. Quais as características dos alunos que provocam o *bullying* no EM integrado? Quais as características dos alunos que sofrem o *bullying*? E dos espectadores?
3. O *bullying* tem as seguintes características: O ato agressivo não é resultado de uma provocação; não é ocasional; há desigualdade de poder entre o agressor e a vítima (autoestima, autoconfiança, popularidade, força física). Na sua opinião que tipo de poder é mais frequente entre os alunos do EM?
4. Qual o trabalho que a Instituição tem feito com os agressores, vítimas e espectadores do EM? (individual, com família)
5. Em algum momento ocorreu casos mais graves de *bullying* que necessitou encaminhamento do aluno à outras instituições? (médico, polícia).
6. Observando os tipos de *bullying* que é praticado e o perfil do autor e da vítima, dá para fazer um prognóstico das causas que levam esses indivíduos a praticar ou sofrer o *bullying*? Se sim, quais as causas mais frequentes apresentados pelos alunos do Instituto?
7. Como psicóloga, você é favorável à premiação dos alunos (EM)? Por quê?
8. Como psicóloga, você é favorável à premiação dos alunos (EM) com postura solidária? Por quê?
9. Atualmente vivemos rodeado de violência. Este cenário reflete no ambiente escolar com o aumento de casos de *bullying*?

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO A (antes do *podcast*)

Nº do Prontuário: _____ idade _____ ()fem. ()masc.
Assinale a resposta que te representa. Em algum momento, nesta escola...

01 – Dei socos, pontapés, empurrões ou outro tipo de agressão física no colega.
()sim ()não

02 – Recebi socos, pontapés, empurrões ou outro tipo de agressão física no colega.
()sim ()não

03 – assisti o colega dar socos, pontapés, empurrões ou outro tipo de agressão física. ()sim ()não

04 – Denunciei o colega que deu socos, pontapés, empurrões ou outro tipo de agressão física. ()sim ()não

05 – Insultei, xinguei, apelidei ou humilhei o colega. ()sim ()não

06 – Recebi insultos, xingamento, apelidos ou humilhações dos colegas.
()sim ()não

07 – Assisti o colega ser insultado, xingado, apelidado ou humilhado. ()sim ()não

08 - Denunciei o colega que insultou, xingou, apelidou ou humilhou o colega.
()sim ()não

09 – Peguei sem consentimento dinheiro ou destruí pertences do colega.
()sim ()não

10 – Pegaram o meu dinheiro ou destruíram os meus pertences. ()sim ()não

11 – Vi colegas pegando o dinheiro ou destruindo pertences de colegas.
()sim ()não

12 – Denunciei o roubo ou destruição dos pertences. ()sim ()não

13 – Difamei, caluniei ou espalhei boatos de colega. ()sim ()não

14 – Fui difamado, caluniado ou espalharam boatos da minha pessoa.
()sim ()não

15 – Vi difamarem, caluniarem ou espalharem boatos do colega. ()sim ()não

16 – Denunciei os autores da difamação, das calúnias ou dos boatos sobre o colega.
()sim ()não

- 17– Ignorei a presença ou dei um “gelo” no colega. ()sim ()não
- 18 – Fui ignorado ou desprezado pelo colega. ()sim ()não
- 19 – Assisti a cena de indiferença ou desprezo a outro colega. ()sim ()não
- 20 – Denunciei o ato de indiferença ou desprezo do colega. ()sim ()não
- 21 – Chantageei colegas de escola. ()sim ()não
- 22 – Fui chantageado pelos colegas de escola. ()sim ()não
- 23 – Presenciei colegas chantageando colegas de escola. ()sim ()não
- 24 – Denunciei os alunos que chantageavam colegas da escola. ()sim ()não
- 25 – Assediei sexualmente colega de escola ()sim ()não
- 26 – Fui assediado sexualmente por colega de escola. ()sim ()não
- 27 – Presenciei assédio sexual na escola. ()sim ()não
- 28 – Denunciei o assédio sexual na escola. ()sim ()não
- 29 – Maltratei colega por causa da cor, raça/etnia, orientação sexual, sotaque ou características físicas. ()sim ()não
- 30 – Fui maltratado pelos colegas por causa da minha cor, raça/etnia, orientação sexual, sotaque ou características físicas. ()sim ()não
- 31 – Assisti aos maus tratos por causa da cor, raça/etnia, orientação sexual, sotaque ou características físicas do colega. ()sim ()não
- 32 – Denunciei os maus tratos por causa da cor, raça/etnia, orientação sexual, sotaque ou características físicas do colega. ()sim ()não
- 33 – Pratiquei *bullying* por causa do curso que o colega escolheu ()sim ()não
- 34 – Sofri *bullying* por causa do curso que escolhi ()sim ()não
- 35 – Assisti cenas de *bullying* por causa do curso que o colega escolheu.
()sim ()não
- 36 – Denunciei os autores do *bullying* por causa do curso que o colega escolheu.
()sim ()não
- 37 – Em outro momento, você iniciaria outro curso se descobrisse que tem talentos para desenvolver atividades que foram identificadas através de atuações desenvolvidas na escola? ()sim ()não

38 – Por que alunos/alunas praticam o *bullying*? O que pode provocar o *bullying*?

39 – Espaço aberto para sugestões para acabar com a prática do *bullying*

APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO B (depois de assistir os podcasts)

Nº do Prontuário: _____ idade _____ ()fem. ()masc.

Após assistir o slide show você seria capaz de:

- 01 – Dar socos, pontapés, empurrões ou outro tipo de agressão física no colega?
()sim ()não
- 02 – Receber socos, pontapés, empurrões ou outro tipo de agressão física no colega e não procurar ajuda? ()sim ()não
- 03 – Assistir o colega dar socos, pontapés, empurrões ou outro tipo de agressão física passivamente? ()sim ()não
- 04 – Denunciar o colega que deu socos, pontapés, empurrões ou outro tipo de agressão física? ()sim ()não
- 05 – Insultar, xingar, apelidar ou humilhar o colega. ()sim ()não
- 06 – Receber insultos, xingamentos, apelidos ou humilhações dos colegas e não procurar ajuda? ()sim ()não
- 07 – Assistir o colega ser insultado, xingado, apelidado ou humilhado passivamente?
()sim ()não
- 08 - Denunciar o colega que insultou, xingou, apelidou ou humilhou outro colega?
()sim ()não
- 09 – Pegar sem consentimento dinheiro ou destruir pertences do colega? ()sim ()não
- 10 – Deixar que pegue o meu dinheiro ou destruir os meus pertences e não tomar providências? ()sim ()não
- 11 – Ver colegas pegando o dinheiro ou destruindo pertences de outros colegas passivamente? ()sim ()não
- 12 – Denunciar o roubo ou destruição dos pertences de colegas? ()sim ()não
- 13 – Difamar, caluniar ou espalhar boatos de colega? ()sim ()não
- 14 – Deixar que me difamem, me caluniem ou espalhem boatos e não tomar providências?
()sim ()não
- 15 – Ver difamarem, caluniarem ou espalharem boatos sobre o colega passivamente?
()sim ()não
- 16 – Denunciar os autores da difamação, da calunia ou dos boatos espalhados?
()sim ()não
- 17– Ignorar ou dar um “gelo” no colega? ()sim ()não
- 18 – Deixar ser ignorado ou desprezado pelo colega e não pedir ajuda? ()sim ()não

- 19 – Assistir a cena de indiferença ou de desprezo passivamente? ()sim ()não
- 20 – Denunciar o ato de indiferença ou de desprezo? ()sim ()não
- 21 – Chantagear colegas de escola? ()sim ()não
- 22 – Ser chantageado pelos colegas de escola e não pedir ajuda ()sim ()não
- 23 – Presenciar colegas chantageando colegas de escola sem nada fazer? ()sim ()não
- 24 – Denunciar os alunos que chantagearam colegas da escola? ()sim ()não
- 25 – Assediar sexualmente colega de escola? ()sim ()não
- 26 – Deixar ser assediado sexualmente por colega de escola e não pedir ajuda?
()sim ()não
- 27 – Presenciar assédio sexual sem nada fazer? ()sim ()não
- 28 – Denunciar o assédio sexual na escola? ()sim ()não
- 29 – Maltratar o colega por causa da cor, orientação sexual, sotaque ou características físicas? ()sim ()não
- 30 – Deixar que o colega te maltrate por causa da sua cor, orientação sexual, sotaque ou características físicas e não pedir ajuda? ()sim ()não
- 31 – Assistir o colega sendo maltratado por causa da cor, orientação sexual, sotaque ou características físicas e não procurar ajuda para socorrê-lo? ()sim ()não
- 32 – Denunciar a pessoa que praticou maus tratos por causa da cor, orientação sexual, sotaque ou características físicas do colega? ()sim ()não
- 33 – Praticar *bullying* por causa do curso que o colega escolheu? ()sim ()não
- 34 – Sofrer *bullying* por causa do curso que escolhei e não pedir ajuda ()sim ()não
- 35 – Assistir cenas de *bullying* por causa do curso que o colega escolheu e nada fazer?
()sim ()não
- 36 – Denunciar os autores do *bullying* por causa do curso que o colega escolheu.
()sim ()não
- 37 – Em outro momento, você iniciaria outro curso se descobrisse que tem talentos para desenvolver atividades que foram identificadas através de atuações desenvolvidas na escola? ()sim ()não
- 38 – A escolha do curso pode levar os alunos a praticarem o *bullying*? Justifique sua resposta.

39 - Você é do Sociopedagógico e precisa elaborar uma palestra sobre o tema *bullying*. De que forma você abordaria o tema e que conteúdos você acha que são mais relevantes.

40 – Você é professor do curso técnico e presencia cenas de *bullying* durante a sua aula. O que você faria?

41 – Você é a favor da punição? Quais os tipos de punições você aplicaria ao agressor?

APÊNDICE E: INTERVENÇÃO ANTES DA EXIBIÇÃO DOS PODCASTS

A – Você está no pátio conversando com os colegas e presencia cenas de *bullying*. O que você faria?

B – Você é o psicólogo da escola. Você precisa conversar com o agressor, vítima e observadores do *bullying*. Que tipo de orientações você daria para cada um deles?

Agressor:

Vítima:

Observador:

C – Se você fosse diretor da escola, que ações você poderia propor para diminuir a incidência do *bullying* na escola.

D – Como você conscientizaria os alunos a não praticarem o *bullying*?

APÊNDICE F: IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES SOBRE OS *PODCASTS*

Nº Prontuário _____

 2º ano Aviônico 2º ano Informática 3º ano informática

1. Após assistir o *Podcast* abordando o tema *bullying* em uma Escola de Educação Profissional e Tecnológica, você classificaria como:

 ruim razoável bom ótimo

2. Você conhecia o recurso *podcast* antes da atividade?

 sim não

3. Quais os pontos positivos que você apontaria para o *Podcast* que assistiu?

4. Quais os pontos negativos você apontaria para o *Podcast* que assistiu?

5. Você participaria da elaboração e da produção de um novo *podcast*?

 sim não

6. Para produção do *podcast* preciso ter o domínio de:

 som imagem informática inglês física rádio TV outros: Quais _____

7. Você acha que seria interessante utilizar o *podcast* em outras disciplinas para a elaboração de trabalhos acadêmicos?

 sim não

8. Em sua opinião, posso utilizar o mesmo trabalho elaborado com o *podcast* para outra disciplina?

 sim não

APENDICE G: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

(No caso do menor entre 12 a 17 anos)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “A PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO PARA ABORDAGEM DO TEMA “BULLYING” EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA”. Nesta pesquisa pretendemos diminuir a incidência da violência entre os alunos e visa à promoção de um ambiente saudável no contexto escola. Você poderá participar voluntariamente respondendo a questionários e ou entrevistas, sob a responsabilidade da pesquisadora Tieko Akita e posteriormente poderá participar da elaboração de um documentário se assim desejar. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos, mas se você sentir incomodado ao responder o questionário, a pesquisadora estará atenta a qualquer sinal de desconforto e pronta para sanar as dúvidas. Se você aceitar participar estará contribuindo na melhora da aprendizagem do aluno e na diminuição da evasão escolar. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Para qualquer outra informação você poderá entrar em contato com a pesquisadora.

NOME DO PESQUISADOR: Tieko Akita

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP
Telefone: (11) 3775-4569
E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa e autorizo o uso da minha imagem se constar nas gravações deste documentário. Recebi uma via deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Carlos, ____ de _____ de 20__

Participante da Pesquisa
Assinatura e nome

APENDICE H: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (pais ou responsável)



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O seu filho (a) está sendo convidado para participar da pesquisa "PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DO PODCASTS PARA ABORDAGEM DO TEMA BULLYING EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA", sob a responsabilidade da pesquisadora Tiekko Akita. O objetivo principal deste estudo é diminuir a incidência da violência entre os alunos e visa à promoção de um ambiente saudável no contexto escolar. O seu filho (a) foi selecionado (a) porque atende aos critérios de seleção dos participantes da pesquisa, qual seja: Aluno devidamente matriculado no curso Ensino Médio Integrado no Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Carlos. A participação do menor não é obrigatória, nem remunerada. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo ao seu filho (a) em relação com o pesquisador ou com a instituição. A participação do seu filho (a) nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário e poderá participar na elaboração de um documentário se assim desejar. Os riscos relacionados com a participação são mínimos. No entanto, os participantes poderão sentir um pequeno desconforto durante o questionário. Vale ressaltar que o pesquisador estará atento a qualquer sinal de desconforto por parte dos participantes e buscará minimizá-lo sanando as dúvidas. A autorização do uso da imagem do seu filho (a) para o documentário faz-se necessário se a imagem do seu filho (a) constar nas gravações. A participação do seu filho (a) contribuirá para melhora na aprendizagem do aluno e pode contribuir significativamente para diminuir a evasão escolar. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo na participação. Os resultados serão utilizados para conclusão da pesquisa acima citada, sob a orientação do Professor Dr. Ricardo Castro de Oliveira. O material coletado é de fim exclusivo de estudos e divulgação científica, podendo ser apresentado em comunicações orais e pôsteres em eventos científicos, artigos científicos, capítulos de livros e na dissertação de mestrado. O Sr.(a) receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e participação do menor, agora ou a qualquer momento.

Dr. Ricardo Castro de Oliveira
Orientador
E-mail: oliveirarc@ifsp.edu.br
Endereço: Rua Américo Ambrósio, 269 – Sertãozinho
Telefone: (16) 3946-1179 (coordenação curso)

Tiekko Akita
Estudante de Pós-Graduação
E-mail: tieko@ifsp.edu.br Paulo
Endereço: Rua Pedro Vicente, 625 – São Paulo
Telefone: (11) 2763-7562

<p>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP Telefone: (11) 3775-4569 E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br</p>

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa e concordo que participe.

São Carlos, ____ de _____ de 2019.

Responsável pelo Aluno

APENDICE I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DO PODCASTS PARA ABORDAGEM DO TEMA BULLYING EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA", sob a responsabilidade da pesquisadora Tieko Akita. O objetivo principal deste estudo é diminuir a incidência da violência entre os alunos e visa à promoção de um ambiente saudável no contexto escolar. O senhor (a) foi selecionado (a) porque atende aos critérios de seleção dos participantes da pesquisa, qual seja: Profissional da área da saúde/educação. Sua participação do menor não é obrigatória, nem remunerada. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação com a pesquisadora ou com a instituição. A participação consistirá em participar de uma entrevista. Vale ressaltar que a pesquisadora estará atenta a qualquer sinal de desconforto por parte dos participantes e buscará minimizá-los sanando as dúvidas. A sua participação contribuirá para melhora na aprendizagem do aluno e pode contribuir significativamente para diminuir a evasão escolar. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo na participação. Os resultados serão utilizados para conclusão da pesquisa acima citada, sob a orientação do Professor Dr. Ricardo Castro de Oliveira. O material coletado é de fim exclusivo de estudos e divulgação científica, podendo ser apresentado em comunicações orais e pôsteres em eventos científicos, artigos científicos, capítulos de livros e na dissertação de mestrado. O Sr.(a) receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço institucional da pesquisadora principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Dr. Ricardo Castro de Oliveira
Orientador
E-mail: oliveirarc@ifsp.edu.br
Endereço: Rua Américo Ambrósio, 269 – Sertãozinho
Telefone: (16) 3946-1170 (coordenação do curso)

Tieko Akita
Estudante de Pós-Graduação
E-mail: tieko@ifsp.edu.br Paulo
Endereço: Rua Pedro Vicente, 625 – São Paulo
Telefone: (11) 2763-7562

<p>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP Telefone: (11) 3775-4569 E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br</p>
--

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa e concordo que participe.

Participante da pesquisa
Assinatura e nome